

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE

**O APAGAMENTO DA NASAL EM VERBOS NA 3ª PESSOA DO PLURAL NA
ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO: um estudo de base fonológica**

TERESINA
2021

RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE

**O APAGAMENTO DA NASAL EM VERBOS NA 3ª PESSOA DO PLURAL NA
ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO: um estudo de base fonológica**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Lucirene da Silva Carvalho.

TERESINA
2021

J82a Jorge, Raimunda Hilsa Almeida Portel.
O apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de
alunos do 6º ano: um estudo de base fonológica / Raimunda Hilsa Almeida
Portel Jorge. – 2021.
97 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Programa de Mestrado Profissional em Letras, Teresina – PI, 2021.
“Área de concentração: Linguagens e Letramentos.”
“Orientadora: Profa. Dra. Lucirene da Silva Carvalho.”

1. Apagamento. 2. Nasalidade. 3. Sílabas. 4. Fonologia.
I. Título.

CDD: 469.02



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE

**“O APAGAMENTO DA NASAL EM VERBOS NA 3ª PESSOA DO PLURAL NA
ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO: um estudo de base fonológica”**

Trabalho de Conclusão Final defendido no dia 18 de agosto de 2021, às 15h, via Google Meet, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. A candidata apresentou o trabalho para a banca examinadora composta pelo(a)s professor(a)s abaixo assinado(a)s. Após a deliberação, a banca examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

Lucirene da Silva Carvalho

Profª. Dra. Lucirene da Silva Carvalho (UESPI)
(Presidente)

André Pedro da Silva

Prof. Dr. André Pedro da Silva (UFBA)
(1º examinador)

Ailma do Nascimento Silva

Profª. Dra. Ailma do Nascimento Silva (UESPI)
(2ª examinadora)

Visto da coordenação.

Shirlei Mary Alves

Prof. Dra. Shirlei M. Alves
Coordenadora do Mestrado Profissional em Letras (Prof. Letras)
Portaria no 0168/2021

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida, me ajudando a superar todos os obstáculos, incluindo o cansaço.

À minha família, em especial ao meu esposo, pelo apoio e incentivo, e ao meu filho, por ter compreendido a minha ausência nas horas dedicadas a este trabalho.

À minha orientadora, professora Dra. Lucirene da Silva Carvalho, pelo conhecimento partilhado, pelas leituras críticas, pelas sugestões e contribuições que concretizaram este estudo.

A todo o corpo docente do PROFLETRAS pelas valiosas lições e pelos conhecimentos compartilhados.

Aos colegas de Curso, principalmente Yaponira, Leonildes e Vânia, pelos momentos de angústias e alegrias compartilhados;

À CAPES, pela bolsa de estudo concedida.

RESUMO

No presente trabalho, se analisa o apagamento da nasal em coda silábica de verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. O objetivo geral da pesquisa é investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para o apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Tem-se como objetivos específicos: identificar a ocorrência do apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental; verificar quais fatores linguísticos motivam a ocorrência do fenômeno do apagamento da nasal; constatar se a noção de plural (e de pessoa) fica prejudicada devido ao apagamento e, por fim, propor uma intervenção como forma de minimizar essas ocorrências nas produções escritas desses alunos. O subsídio teórico foi constituído pelos estudos de Camara Jr. (2015), Bisol (1998, 2013, 2015), Matznauer (2005), Collischonn (2005), Mendonça (2003, 2005), dentre outros. Os dados foram coletados através de uma atividade diagnóstica realizada no primeiro semestre do ano de 2020, em uma escola pública da cidade de Timon-MA. Os procedimentos metodológicos basearam-se em pesquisa bibliográfica, exploratória, descritiva, quali-quantitativa e de campo. Ao final, com o intuito de contribuir com os professores para uma melhor aprendizagem dos alunos no que diz respeito ao fenômeno estudado, elaboramos uma proposta de intervenção.

Palavras-chave: Apagamento. Nasalidade. Sílabas. Fonologia.

ABSTRACT

The present work analyzes the nasal erasure in syllabic coda of verbs in the third person plural in students' writing who study the 6th year of Elementary School. This research has as its main objective: to investigate the linguistic and extralinguistic factors that contribute to the nasal erasure in third person plural verbs in students' writing from the 6th year of elementary school. And as specific objectives: to identify the occurrence of nasal erasure in verbs in the third person plural in students' writing from the 6th year of Elementary School, to verify which linguistic factors motivate the occurrence of the phenomenon of nasal erasure, to verify if the notion of plural (and of person) is harmed due to the deletion. And, finally, to propose an intervention as a way to minimize these occurrences in these students' written productions. The theoretical support consisted of studies by Camara Jr. (2015), Bisol (1998, 2013, 2015), Matznauer (2005), Collischonn (2005), Mendonça (2003,2005), among others. The data of this research were collected through a diagnostic activity carried out in the first semester of the year 2020, in a public school in the city of Timon-MA. The methodological procedures were based on bibliographical, exploratory, descriptive, quali-quantitative and field research. At the end, in order to contribute with the teachers for a better student learning regarding what was studied, we elaborated an intervention proposal.

Keywords: Erasure. Nasality. Syllable. Phonology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração do fluxo de ar durante a produção de sons orais, sons nasalizados e consoantes nasais	20
Figura 2 – Diagrama arbóreo	24
Figura 3 – Estrutura hierárquica de consoantes	25
Figura 4 – Estrutura hierárquica de vogais	26
Figura 5 – Nasal em posição inicial de sílaba	27
Figura 6 – Nasal em posição de coda silábica	28
Figura 7 – Espreadimento da nasalidade pela regra de fusão da raiz	29
Figura 8 – Vogais em posição tônica	31
Figura 9 – Vogais pretônicas	32
Figura 10 – Primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas	33
Figura 11– Vogais átonas finais diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo	33
Figura 12 – Vogais diante de consoante nasal na sílaba seguinte	33
Figura 13 – Esquema do esforço muscular e da curva da força silábica	36
Figura 14 – Estrutura das sílabas leve (ou livre), pesada e travada	39
Figura 15 – Estrutura da sílaba “ram”	40
Figura 16 – Estrutura silábica da palavra “cruz”	41
Figura 17 – Estrutura interna da sílaba	42
Figura 18 – Sílaba preenchida apenas pelo ataque e o núcleo	42
Figura 19 – Sílaba em que só o núcleo é preenchido	43
Figura 20 – Sílaba em que só o núcleo e a coda são preenchidos	43
Figura 21 – Sílaba em que o ataque é complexo	44
Figura 22 – Sílaba com coda complexa	44
Figura 23 – Hierarquia sonora	45
Figura 24 – Representação das sílabas leves e pesadas	46
Figura 25 – Produção de texto – A1	55
Figura 26 – Apagamento da nasal na forma verbal “viram”	56
Figura 27 – Produção de texto – A2	57
Figura 28 – Substituição da nasal <u>m</u> pela vogal <u>u</u> na forma verbal “ficaram”	58
Figura 29 – Produção de texto – A3	59
Figura 30 – Produção de texto – A4	60

Figura 31 – Produção de texto – A5	61
Figura 32 – Produção de texto – A6	63
Figura 33 – Produção de texto – A7	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Demonstração de verbos com apagamento da nasal final	17
Quadro 2 – Vogais nasais do português brasileiro	21
Quadro 3 – Exemplos de apagamento de -am	30
Quadro 4 – Molde silábico	38
Quadro 5 – Escala de sonoridade	45
Quadro 6 – Ocorrências de apagamento da nasal em final de sílaba.....	54
Quadro 7 – Verbos com apagamento da nasal final	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de alunos que apagaram a nasal em coda final somente em verbos	52
Gráfico 2 – Percentual de alunos que apagaram a nasal em final de sílaba	53
Gráfico 3 – Percentual de apagamento da nasal em contexto precedente	65
Gráfico 4 – Apagamento em contexto de tonicidade	66
Gráfico 5 – Percentual de alunos que apagaram a nasal conforme o sexo	67
Gráfico 6 – Percentual de alunos que fizeram a concordância do sujeito com o verbo.....	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PROCESSOS FONOLÓGICOS E ESCRITA	15
2.1 Conceito e classificação dos processos fonológicos	15
2.1.1 Processo fonológico de apagamento	17
2.1.2 Do apagamento da nasal à elevação da vogal.....	17
2.2 A nasalidade no português brasileiro	19
2.2.1 A nasalidade em português e a geometria de traços	23
2.2.2 A nasalidade e o acento	29
2.3 Caracterização das vogais do português brasileiro	31
3 A SÍLABA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	35
3.1 A abordagem da sílaba do ponto de vista fonético	35
3.2 A sílaba do ponto de vista fonológico	36
3.2.1 Estrutura silábica do português brasileiro	40
3.2.2 Os constituintes silábicos	41
3.2.3 Sílabas leves e sílabas pesadas	45
3.2.4 Coda silábica	47
4 METODOLOGIA	48
4.1 Caracterização da pesquisa	48
4.2 Campo e sujeitos da pesquisa	49
4.3 Dados da pesquisa	50
4.4 Categorias de análise	50
4.4.1 Variável dependente	50
4.4.2 Variáveis independentes – linguísticas ou extralinguísticas	50
4.4.2.1 Variável linguística	50
4.4.2.1.1 Apagamento da nasal e o contexto precedente	50
4.4.2.1.2 Apagamento da nasal e a tonicidade	51
4.4.2.2. Variável extralinguística	51
4.4.2.2.1 Apagamento da nasal e a variável sexo	51
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	52
5.1 Apagamento da nasal em coda final de verbos na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo	52
5.1.1 Ocorrências do apagamento da nasal em final de sílaba	53
5.1.2 Apagamento da nasal e o contexto fonológico precedente.....	65

5.1.3 Apagamento da nasal e a tonicidade	66
5.1.4 Apagamento da nasal e a variável sexo.....	67
5.1.5 Apagamento da nasal: um destaque para a concordância verbal	68
5.2 Proposta de intervenção	70
5.2.1 Apresentação da sequência didática	71
6 CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	86
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90
ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	93
ANEXO D – TERMO DE ANUÊNCIA.....	95
ANEXO E – DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL.....	96
APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	97

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a socialização, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, constrói visões de mundo e produz conhecimento. Assim, entendemos que é a escola a responsável pela aprendizagem e aprimoramento da Língua Portuguesa, de maneira que, ao ensiná-la, deve garantir a todos os alunos os conhecimentos fundamentais para que eles possam apropriar-se, de maneira reflexiva, do sistema linguístico que organiza o português brasileiro.

Nesse sentido, destacamos o que regulamenta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre o ensino de Língua Portuguesa, principalmente no tocante ao eixo de análise linguística. Especificamente sobre os conhecimentos ortográficos, conforme a BNCC, deverão ser construídos ao longo do Ensino Fundamental concomitantemente com as práticas de leitura e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos, que oportunizarão situações de reflexão sobre a língua e a linguagem de uma forma geral.

Nessa mesma perspectiva, a BNCC expõe as habilidades que os alunos devem adquirir em determinada etapa de sua vida escolar, entre as quais destacamos duas habilidades determinadas para o 6º ano que são relevantes para esta pesquisa: a habilidade ¹EF67LP32, que discorre sobre a escrita das palavras com correção ortográfica, obedecendo às convenções da norma padrão, e a habilidade ²EF06LP11, que diz respeito à produção de textos, orientando que, ao produzir textos, o aluno deve utilizar conhecimentos linguísticos e gramaticais, incluindo tempos verbais, concordâncias nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc.

Trata-se de habilidades que se espera que o estudante tenha adquirido ao término do 6º ano, porém sabemos que, durante o processo de apropriação do sistema ortográfico da língua, os alunos se deparam com uma série de dificuldades que os levam, muitas vezes, a incorrer em “erros”, frutos de reflexões sobre a língua realizadas pelos aprendizes na tentativa de acertar. Dentre os vários tipos de erros encontrados em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental, destacamos o apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural, como em “fiseram” (fizeram),

¹ (EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.

² (EF06LP11) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc.

“mandaro” (mandaram), “pegaro” (pegaram), dentre outros. Em função disso, compreendemos que o papel da escola, sobretudo o do professor de Língua Portuguesa, é tentar entender o motivo desses erros e buscar alternativas que os minimizem.

Entendemos que há dois tipos de “erros” de ortografia: os que resultam da interferência de traços da oralidade e os que decorrem de a escrita ser regida por um sistema de convenções. Assim, no decorrer do processo de ensino/aprendizagem da língua escrita, é possível que a língua falada, a qual já faz parte do repertório sociocomunicativo do aluno, suscite algumas interferências do ponto de vista fonético-fonológico.

Com o intuito de investigar os erros relacionados à nasalidade na escrita dos alunos e identificar quais fatores linguísticos contribuem para que eles ocorram, desenvolvemos esta pesquisa e, a partir dos resultados, desenvolvemos estratégias de ensino para minimizar tais problemas.

Tal proposta de pesquisa justifica-se pela necessidade de buscar uma melhor compreensão para os problemas de marcação da nasal apresentados na escrita dos alunos do 6º ano, como omissão e registros não convencionais, dentre outros. Desse modo, a relevância deste trabalho encontra-se na oportunidade de entendermos quais fatores linguísticos contribuem para a ocorrência desse fenômeno e, a partir daí, sugerir caminhos que possam contribuir para minimizar os problemas encontrados.

A investigação foi norteada pelas seguintes questões: Que fator(es) linguístico(s) é/são determinantes para o apagamento do m em posição de coda final em verbos de 3ª pessoa do plural? O aluno não estabelece a relação da nasal com o plural dos verbos na 3ª pessoa? Fica prejudicada a noção de número nos verbos na 3ª pessoa do plural?

Como respostas antecipadas a essas questões, apresentamos as seguintes hipóteses: 1) O aluno apaga a nasal em posição final dos verbos de 3ª pessoa do plural por esta se apresentar em sílaba átona. 2) O aluno não reconhece a nasal como marca do plural nos verbos na 3ª pessoa do plural. 3) A noção de número não é prejudicada pelo apagamento da nasal.

Em busca de uma melhor compreensão acerca das dificuldades de escrita apresentadas pelos alunos do 6º ano, estabelecemos como objetivo geral para esta pesquisa investigar os fatores linguísticos que contribuem para o apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino

Fundamental. Como objetivos específicos, buscamos identificar a ocorrência do apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental; verificar quais fatores linguísticos motivam a ocorrência do fenômeno do apagamento da nasal; constatar se a noção de plural (e de pessoa) fica prejudicada para os alunos que produzem apagamento e, por fim, propor uma intervenção como forma de minimizar essas ocorrências nas produções escritas desses alunos.

A metodologia adotada para a concretização desta pesquisa, quanto aos objetivos, é descritiva e explicativa; já quanto à análise de dados, é qualitativa e quantitativa, e quanto aos procedimentos, trata-se de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, uma vez que os dados foram coletados pela pesquisadora em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.

O presente trabalho apresenta quatro capítulos, além desta Introdução.

O primeiro capítulo apresenta aspectos relacionados aos processos fonológicos, aspectos relacionados à nasalidade no português brasileiro, a nasalidade e a geometria de traços e aspectos relacionados à nasalidade e ao acento.

O segundo capítulo traz uma abordagem sobre a sílaba do ponto de vista fonético e fonológico, sua estrutura no português brasileiro e seus constituintes. Apresentam-se ainda os conceitos de sílabas leves e sílabas pesadas, de coda silábica e de aquisição da nasal em coda.

O terceiro capítulo descreve a metodologia adotada, com informações acerca da caracterização da pesquisa, do campo, dos sujeitos e dos dados da pesquisa.

No quarto capítulo, constam a análise e a discussão dos dados, bem como a proposta de intervenção.

Para finalizar, apresentamos a Conclusão deste estudo.

2 PROCESSOS FONOLÓGICOS E ESCRITA

Neste capítulo, fazemos uma breve exposição de algumas classificações e conceitos de processos fonológicos, destacando que o foco desta pesquisa é o processo fonológico de apagamento e, mais especificamente, o apagamento das nasais.

2.1 Conceito e classificação dos processos fonológicos

Os processos fonológicos são percebidos como responsáveis pelas transformações que ocorrem nas línguas. Callou e Leite (2009) ressaltam que há muitos determinantes para essas transformações como, por exemplo, os fatores fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, dentre outros. Conforme as autoras,

algumas dessas alterações ocorrem sistematicamente e atuam sobre o nível fonológico da língua, outras afetam apenas o nível fonético, ocorrendo assistematicamente. Podemos observar o funcionamento desses processos fonológicos (e/ou fonéticos) do português no momento sincrônico, assim como é possível encontrar exemplos na evolução do latim para o português. Os processos que produziram mudanças históricas são os mesmos que estamos testemunhando a cada momento hoje. O comportamento fonológico não é amorfo, mas, ao contrário, o aspecto mais estruturado da língua. (CALLOU; LEITE, 2009, p. 44).

Diante dessa afirmação, fica claro que os processos fonológicos atuam tanto no nível dos sons das palavras quanto no nível dos fones. No primeiro, seguindo determinadas regras e, no segundo, de forma menos sistemática, observando o dialeto utilizado pelos falantes. Segundo Othero (2005, p. 4), “os processos fonológicos são inatos, naturais e universais”, assim, podemos dizer que todos os falantes de uma determinada língua, produzem processos fonológicos, ainda que não percebam.

De acordo com Stampe (1973 *apud* OTHERO, 2005, p. 3),

[...] um processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala para substituir, no lugar de uma classe de sons ou de uma seqüência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica, porém desprovida da propriedade difícil.

Dessa forma, entendemos que uma das funções dos processos fonológicos é facilitar a realização de um determinado som ou grupo de sons utilizados pelo falante,

que seleciona um som que não seja emitido com tanta dificuldade, em detrimento de outro de propriedade que demonstra ser difícil. Nesse aspecto, o mesmo pode acontecer na língua escrita, quando o aluno está em processo de apropriação do sistema ortográfico.

Diante do exposto, entendemos que o estudo dos processos fonológicos é relevante para compreendermos os diferentes aspectos linguísticos, tais como mudanças das línguas, variações fonéticas e questões sobre a apropriação do sistema ortográfico, tendo em vista que é nesse momento de apropriação que o educando comete uma série de trocas, inserção ou omissão de fonemas. Para entendermos melhor o que são esses processos, buscamos a classificação de Callou e Leite (2009), as quais agrupam os processos fonológicos da seguinte forma:

a) Processos que acrescentam traços ou mudam a especificação dos traços: o processo de *assimilação* é o mais conhecido dentre eles, sendo responsável por um grande número de alterações nos sons das palavras.

De acordo com as autoras, nesse caso, se incluem ainda os processos de *nasalização* e *palatalização*, que fazem com que, por exemplo, uma vogal se torne nasalizada diante de consoante nasal (cama, tônica, fama) ou uma consoante se realize como palatal quando diante de vogal alta anterior palatal (tira, diabo) etc.

Os processos conhecidos como *harmonização vocálica* e *metafonia* também se incluem nesse item. No primeiro caso, ocorre uma ação assimilatória da vogal tônica sobre a pretônica (m[i]nino, f[i]liz, f[u]rmiga, c[u]stume); no segundo, ação assimilatória da átona sobre a tônica. A *metafonia* é o processo diacrônico que explica a passagem de 'metu' a m[e]du; sincronicamente, plurais como form[o]sos e comp[o]stos, que a norma culta rejeita explicam-se, também, por extensão da regra de *metafonia*;

b) Processos que inserem segmentos: nesse grupo, temos, por exemplo, a *ditongação* e a *epêntese*, como se verifica no aparecimento de semivogal em rapa[y]z e de uma vogal em ab[i]soluto, ad[i]vogado e t[a]ramela, respectivamente;

c) Processos que apagam segmentos: pronúncias como o[kl]os (óculos), xi[kr]a (xícara), 'peraí' por 'espera aí', são denominadas *síncope*, *aférese*, *apócope*, a depender da posição em que se encontre a vogal. Esses três grupos de processos abarcam numerosos exemplos de mudanças e atuam sobre a estrutura da sílaba. Podem ocorrer alterações na distribuição de vogais e consoantes, mudança de classe principal, enfraquecimento ou reforço, segundo a posição do segmento no vocábulo

ou no sintagma. No registro informal e na linguagem popular podemos encontrar exemplos que demonstram essa dinâmica da língua.

Apresentamos apenas alguns processos, enfatizando, a seguir, o processo fonológico de apagamento, que é o objeto de estudo desta pesquisa.

2.1.1 Processo fonológico de apagamento

De acordo com Cagliari (2002, p. 101), “apagamento ocorre quando há a supressão de um segmento da forma básica de um morfema.” Nesse sentido, os processos fonológicos de apagamento equivalem à supressão de um segmento (consoante, vogal ou glide) ou de uma sílaba inteira, o que chamamos de elisão (apagamento de um som na palavra).

Esse apagamento pode ocorrer no início, no meio ou no final das palavras.

Neste estudo aprofundamos a análise do apagamento da nasal em final de sílaba, no meio e no final das palavras.

2.1.2 Do apagamento da nasal à elevação da vogal

Hora (2009) salienta que a terminação -am se restringe aos verbos e que podemos encontrar com frequência o apagamento da consoante, implicando na elevação da vogal baixa, a exemplo de cantaram/cantaru/, mandaram/mandaru/, fizeram/fizeru etc. Nesse caso, observamos que ocorre alçamento da vogal baixa postônica, em vez da elevação das vogais médias pretônicas.

Percebemos que o arquifonema /N/ desaparece, sendo a vogal a substituída pela vogal o, com o som de /u/, como demonstrado no quadro 1, em que constam dados recolhidos na pesquisa piloto deste trabalho.

Quadro 1 – Demonstração de verbos com apagamento da nasal final

ESCRITA PADRÃO	PALAVRAS COM APAGAMENTO DA NASAL
fizeram	fizero
mandaram	mandaro
encontraram	encontraro
atiraram	atiraro
escutaram	escutaro
vieram	viero
pegaram	pegaro

mataram	mataro
casaram	casaro
viajaram	viajaro
montaram	montaro
começaram	começaro
voltaram	voltaro
ficaram	ficaro

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

De acordo com Câmara Jr. (2015, p. 44), “nas vogais médias não finais depois de vogal tônica (a primeira postônica dos proparoxítonos), há a neutralização entre /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/. Aí, a grafia com o ou u é uma mera convenção da língua escrita, pois o que se tem, na realidade, é /u/.”

A elevação da vogal consiste em um fenômeno denominado de alçamento vocálico, que é, por sua vez, um processo em que há a substituição de uma vogal por outra mais alta, como podemos observar em /mininu/ menino, /pirigo/ perigo. Esse fenômeno não é novo, visto que, desde o século XVI, já se percebia uma certa instabilidade das vogais médias na posição pretônica, demonstrando, portanto, ser um fenômeno bem antigo.

Há autores que tratam o alçamento vocálico como um processo de assimilação que obedece à regra geral da língua, difundindo-se em todas as classes sociais. Já outros estudos revelam que, em muitos casos, não parecem fruto de desencadeamento assimilatório, já que não há gatilho para o processo.

Para Bisol (2015), o alçamento vocálico consiste na elevação da vogal média sem motivação aparente, ou seja, sem a presença de uma sílaba subsequente com vogal alta, a exemplo de *boneca/ buneca*.

Abaurre e Sandalo (2012) afirmam que as alternâncias vocálicas que envolvem as vogais médias na sílaba tônica evidenciam que as vogais médias baixas sempre são alvos nos processos fonológicos, enquanto as vogais altas e médias altas são o gatilho para esses processos fonológicos.

Essa autora destaca que Nevins (2009) propõe um novo modelo teórico de harmonização vocálica, denominado *search-and-copy*, o qual aborda a diversidade em relação aos processos de harmonia com resultado de diferentes parâmetros em um processo de busca. Conforme Abaurre e Sandalo (2012, p. 18),

[...] neste modelo, a harmonia vocálica é uma busca por traços iniciada por uma vogal carente, que procura e copia traços de um outro segmento doador. Neste modelo, harmonia fonológica é compreendida como um processo formalmente similar à operação sintática de Agree de Chomsky (2000). Para Nevins, entretanto, Agree na fonologia tem uma clara diferença: enquanto a estrutura sintática define localidade em termos de uma relação hierárquica e c-comando, a estrutura fonológica define localidade em termos de uma precedência linear. Assim, o processo de busca pela harmonia vocálica começa com uma vogal carente que procura por um doador mais próximo, em uma certa direção *d*, que pode ser tanto para a direita como para a esquerda, ou em ambas as direções simultaneamente.

Nesse modelo, portanto, a harmonia vocálica constitui-se como um processo de busca em que uma “vogal carente” busca traços de um segmento mais próximo, não importando em qual posição tal segmento se encontra (ABAURRE; SANDALO, 2012).

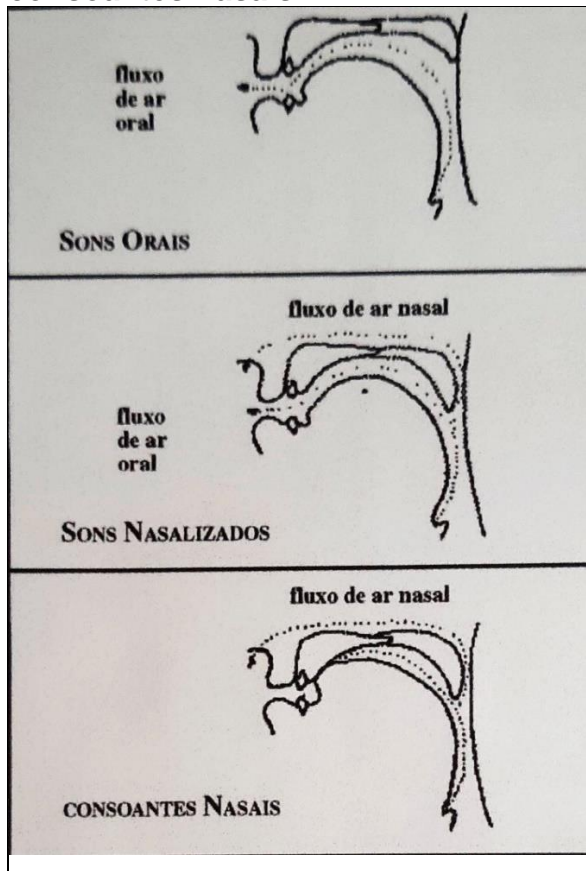
2.2 A nasalidade no português brasileiro

Os sons nasais são uma particularidade importante e distintiva da língua portuguesa. Segundo Simões (2006), a nasalidade é considerada por alguns pesquisadores a maior dificuldade fonológica da língua. Para Mendonça (2005), a nasalidade é um dos segmentos mais complexos da língua portuguesa, por envolver sílabas travadas, vogais nasais e ditongos. Essa autora aponta que a nasalidade envolve uma série de regras cujo percurso de aprendizagem é longo, exatamente por serem muitas e complexas.

Ao observarmos o nosso aparelho fonador, percebemos que ao serem articulados os sons nasais como o [m] e o [n], ocorre um rebaixamento do véu palatino, o que ocasiona um bloqueio em parte da corrente respiratória, fazendo com que o ar penetre na cavidade nasal e saia mais pelo nariz do que pela boca.

Como indica Campos (2011), a nasalidade é caracterizada tanto na perspectiva fonética (em termos acústicos), quanto na perspectiva fonológica. Do ponto de vista fonético, a autora discorre sobre a Teoria Acústica da Produção da fala, proposta por Fant (1960). Com base nessa teoria, Campos (2011) esclarece que a principal característica acústico-articulatória das nasais é a abertura velofaríngea, permitindo que a energia sonora passe exclusivamente pela cavidade nasal (consoantes nasais) ou pela cavidade oral (vogais nasais), como demonstra a figura 1:

Figura 1 – Ilustração do fluxo de ar durante a produção de sons orais, sons nasalizados e consoantes nasais



Fonte: Cagliari (2009, p. 63 *apud* CAMPOS, 2011, p. 35).

Conforme a figura 1, os sons orais saem exclusivamente pela cavidade oral, os sons nasalados saem tanto pela cavidade oral quanto pela cavidade nasal, e os sons das consoantes nasais saem exclusivamente pela cavidade nasal.

Em termos de nasalização do português, Camara Jr. (2015) defende não existirem, na subjacência, vogais nasais. Sua tese é a de que há uma nasalidade fonética por assimilação à consoante nasal da sílaba seguinte, como em [kãma]/[kama], que não provoca distinção de significado, e outra, de natureza fonológica, cuja ausência incide em mudança de significado, a exemplo de [tampa] e [tapa].

No que se refere à nasalidade em português, as vogais nasais constituem um dos pontos mais controversos, havendo, inclusive, uma polêmica entre os teóricos da área de fonética e fonologia a respeito da existência ou não dessas vogais. Tais divergências entre os especialistas contribuem para impulsionar pesquisas acerca da nasalidade, sobretudo, no que diz respeito às vogais, surgindo, assim, as mais diversas interpretações sobre o *status* da vogal nasal.

Moraes e Wetzels (1992) asseveram que, no âmbito da corrente estruturalista, os segmentos vocálicos nasais do português são vistos por alguns teóricos como uma vogal nasal propriamente dita, enquanto outros os veem como uma vogal oral seguida de nasal, havendo ainda os que definem a vogal nasal como uma vogal oral seguida de arquifonema nasal. Acrescentam-se os que a estabelecem como um fenômeno suprasegmental não-linear que, da mesma forma que o acento, poderia afetar os fonemas silábicos.

Na concepção de Silva (2003), quase não existe diferença de qualidade vocálica das nasais correspondentes, sendo os mesmos símbolos utilizados para representar as vogais orais também utilizados para representar as vogais nasais. O que as diferencia é o til (~) colocado acima da vogal nasal para marcar a nasalidade. (por exemplo, a vogal [a] nasal deve ser transcrita como [ã]).

No quadro 2, se apresentam as vogais nasais do português brasileiro.

Quadro 2 – Vogais nasais do português brasileiro

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta		ĩ				ũ
média		ẽ				õ
baixa				ã		

Fonte: Silva (2003, p. 91).

Ainda de acordo com Silva (2003), a maioria dos autores que trabalham com o português adota os símbolos das vogais [i, e, o, u] com til para representar essas vogais nasalizadas; já a vogal nasalizada que corresponde a [a] tem sido transcrita por diferentes autores como [ã, ẽ, ẽ, ẽ].

Nesse sentido, é importante ressaltar a diferença entre **nasalização** e **nasalidade** de vogais. A nasalização ocorre nos casos em que a vogal é obrigatoriamente nasal em qualquer dialeto do português (exemplo “lã” e “santa”), enquanto a nasalidade de vogais é opcional e marca variação dialetal, como observado nos exemplos “fome” [‘fõmɪ ~ [‘fõmɪ] e “camareira” [‘kãma ‘reira ~ kama ‘reira], como atesta Silva (2003, p. 93).

Câmara Jr. (2015) entende ainda que a nasalação em que não ocorre a alteração de sentido da palavra é meramente mecânica e fonética (não distingue formas da língua), só se opõe a não nasalação. Nesse aspecto, segundo o autor, é preciso encontrar um traço específico que caracterize as vogais que são nasais em

termos fonêmicos, sendo consideradas por ele as únicas vogais nasais portuguesas que merecem tal classificação.

Nessa perspectiva, a vogal nasal é interpretada como um conjunto de vogal e consoante seguidas na mesma sílaba, e a sua nasalização é, portanto, consequência do travamento da sílaba por consoante nasal pós-vocálica. Esse travamento é analisado, de acordo com o pesquisador, como um arquifonema, representado por /N/, que corresponde às consoantes nasais do sistema fonológico do português: /n/ e /m/. Desse modo, a consoante nasal pós-vocálica corresponde a um arquifonema dos fonemas nasais existentes em português, que deles só conserva o traço comum da nasalidade. Já a vogal nasal é admitida como vogal mais elemento nasal, interpretado como um arquifonema na mesma sílaba, como observado em /kaNpo/, /seNda/, /leNda/.

Na visão de Câmara Jr. (2015), os padrões nasais são derivados de uma sequência VN subjacente em que N “não está plenamente especificado”, sendo que o autor interpreta o fenômeno como sendo uma sequência CVC na qual a rima é constituída de uma vogal mais segmento nasal não especificado, estrutura essa considerada por ele como sílaba fechada ou travada por um elemento nasal.

Para sustentar essa hipótese, Câmara Jr. (2015, p. 59) baseia-se em três argumentos:

- (i) A sílaba com a vogal dita “nasal” comporta-se como sílaba travada por consoante e não sofre o processo de crase como se verifica, por exemplo, em *lã azul*.
- (ii) Depois de vogal nasal só se realiza /r/ forte e nunca /r/ brando, como observado em ‘*genro*’ e ‘*honra*’.
- (iii) Não há, em português, vogal nasal em hiato, ou seja, ou a nasalidade que envolve a vogal desaparece (como visto em *boa versus bom*, por exemplo), ou o elemento consonântico nasal se desloca para a sílaba seguinte, como constatado em ‘*valentona*’ *versus* ‘*valentão*’.

Dessa forma, entendemos que há uma unanimidade entre os citados autores de que o uso da nasal é compreendido, na subjacência, como uma sequência de dois segmentos: VN, e que a vogal nasalada pura é sempre uma manifestação da superfície.

Dito isso, tentaremos explicar, com base na geometria dos traços, os motivos que levam o aluno a apagar a consoante nasal em posição final de sílaba, apesar de reconhecer a presença da nasalização nas palavras.

2.2.1 A nasalidade em português e a geometria de traços

A geometria dos traços, desenvolvida por Clementes e Hume (1995, *apud* MATZENAUER, 2005) surgiu com a finalidade de representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e afirmar que os traços podem ser manipulados tanto isoladamente quanto em conjuntos solidários. Nesse modelo, os segmentos são representados através de uma estrutura arbórea formada por nós hierarquicamente ordenados em que os nós terminais são traços fonológicos, e os nós intermediários são classes de traços. Clementes e Hume (1995, *apud* MATZENAUER, 2005) seguiram padrões da fonologia autosegmental, cujo principal foco é o fato de operar com autosegmentos, e não só com segmentos completos e matrizes inteiras de traços.

De acordo com Matzenauer (2005), no âmbito da fonologia autosegmental, não há uma relação “bijectiva”, ou seja, de um para um entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Os traços são organizados em ³*tiers*, e as regras fonológicas podem operar em apenas uma camada, estendendo-se além ou aquém de um segmento, sendo que o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

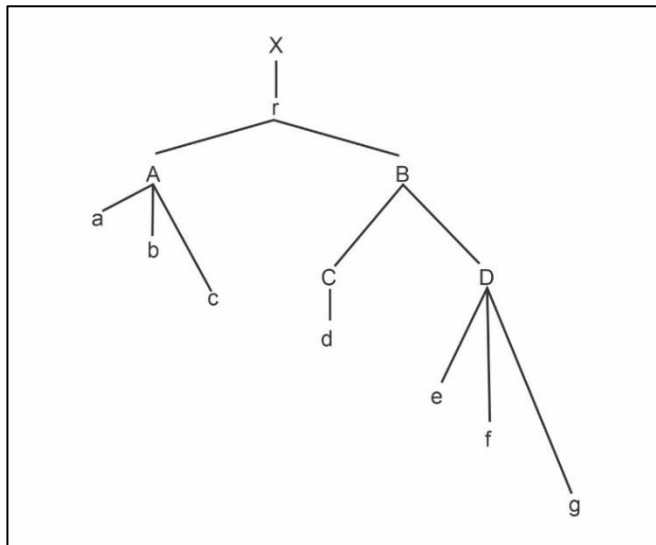
Nesse aspecto, a pesquisadora pontua que, conforme a fonologia autosegmental, o segmento apresenta uma estrutura interna, ou seja, cada segmento possui traços hierarquicamente organizados.

Ainda na visão da autora, esse entendimento tem como consequência não só uma nova representação formal dos traços que compõem o segmento, mas também a exigência de que essa representação revele que, nas regras fonológicas, os traços podem funcionar tanto isoladamente quanto como um conjunto solidário. Essa representação deve ser capaz de mostrar quais traços podem ser manipulados isoladamente ou em conjunto, facilitando a expressão de classes naturais.

Essa configuração é interpretada em um diagrama arbóreo, como mostra a figura 2.

³ camadas

Figura 2 – Diagrama arbóreo

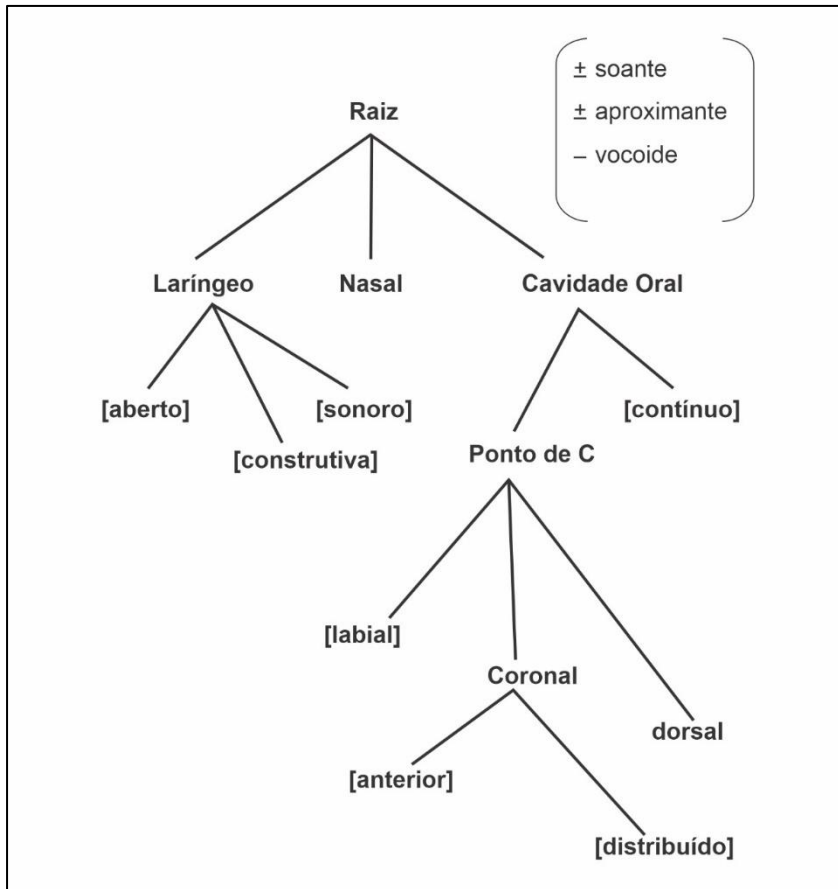


Fonte: Clements e Hume (1995, *apud* MATZNAUER, 2005, p. 48).

No diagrama apresentado, o nó de raiz (r) é dominado por uma unidade abstrata de tempo representada por (X), sendo os nós ligados por linhas de associação. O nó de raiz é o responsável por dominar todos os traços. Os nós A, B, C e D representam nós de classe, os quais dominam os nós de classe inferiores, que são os nós terminais a, b, c, d, f e g. Os nós A e B, por se encontrarem em *tiers* diferentes, não há dominação entre eles; o nó B domina os nós de classe C e D, considerados dependentes.

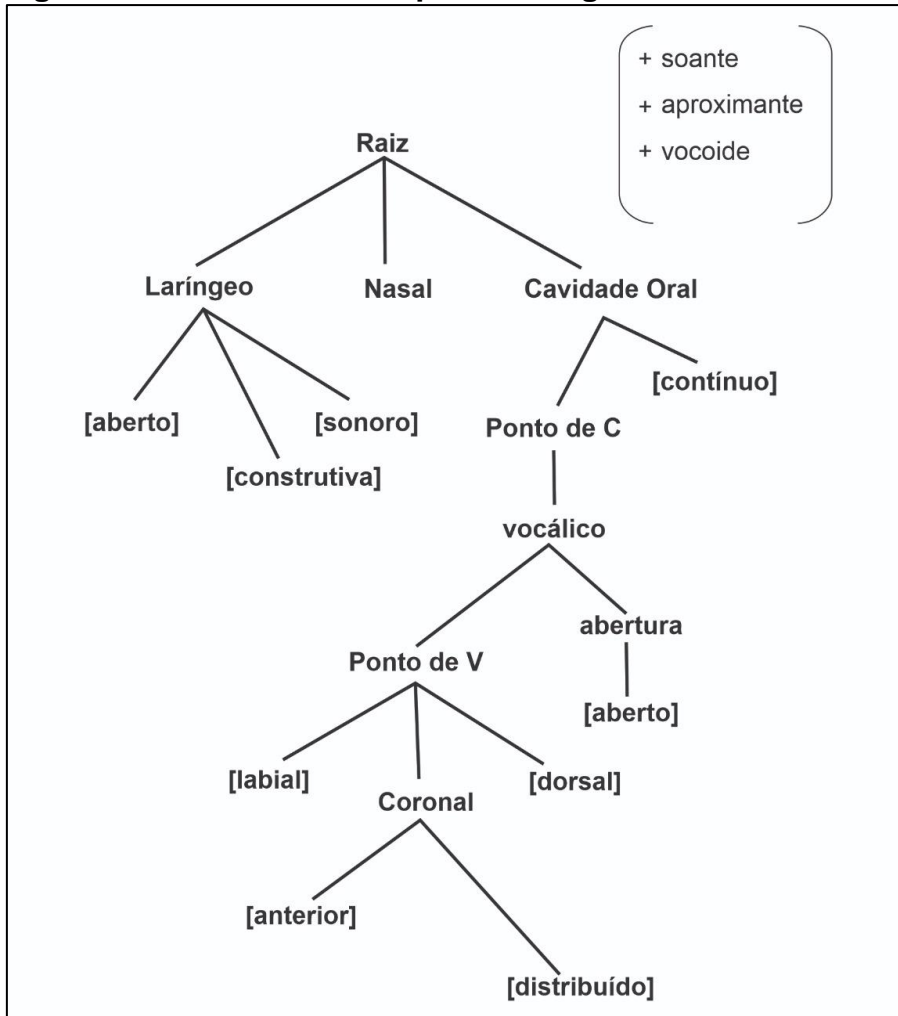
Nas figuras 3 e 4, têm-se as representações hierárquicas de consoantes e vogais.

Figura 3 – Estrutura hierárquica de consoantes



Fonte: Matzenauer (2005, p. 50).

Figura 4 – Estrutura hierárquica de vogais



Fonte: Matzenauer (2005, p. 50).

Observamos, nas figuras 3 e 4, que há uma diferença entre a geometria de traços ligada às vogais e a geometria de traços ligada às consoantes. Essa diferença pode ser observada a partir do ponto C. Na geometria de consoantes, o nó ponto C domina os traços de ponto [labial], [coronal] e [dorsal]; na geometria de vogais, o nó vocálico domina os traços de ponto e de abertura. É importante observar que tanto na geometria de traços ligada às consoantes quanto na ligada às vogais, o traço nasal se encontra ligado diretamente à raiz.

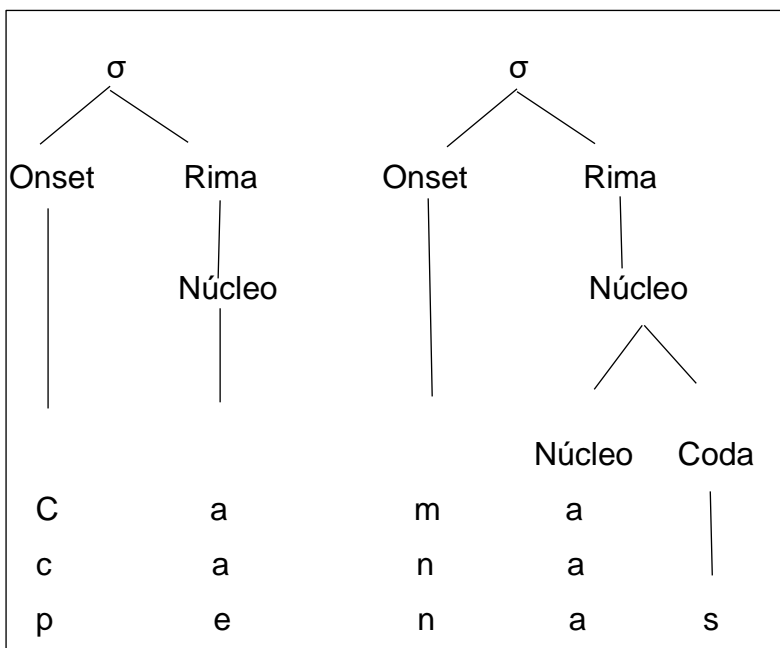
A geometria de traços considera que a nasalidade pode constituir um fonema (nasalidade fonológica) ou pode ser compreendida apenas como uma qualidade de um segmento, sem valor distintivo (nasalidade alofônica) (PONTES, 2014).

Nesse contexto, a nasalidade, ao realizar-se com característica distintiva, se apresenta ligada ao nó de Raiz(R), por exemplo, quando ocorre em forma de consoante nasal e se caracteriza como fonema. Quando a nasalidade é apenas

alofônica, a propriedade aparece nos segmentos vocálicos através de um processo de espraiamento cuja origem é um segmento consonantal o qual é fonologicamente nasal – arqifonema nasal ou consoantes nasais.

Ressaltamos que, do ponto de vista da análise fonológica, quando as nasais aparecem no início de sílaba no interior das palavras, diferentemente do que acontece na posição de coda, nasalizam, obrigatoriamente, a vogal precedente. Isso só ocorre se a vogal for acentuada; caso contrário, a nasalização é opcional, o que podemos entender melhor observando os exemplos na figura 5.

Figura 5 – Nasal em posição inicial de sílaba



Fonte: Adaptado de Pontes (2014, p. 24).

Os exemplos configurados na figura realizam-se foneticamente como [câma], [câna] e [pênas].

Diferentemente do que acontece com a nasal em posição de onset, quando está em posição de coda, apresenta natureza distintiva, tendo sua representação autossegmental definida por apenas dois traços: [+son] ligado à raiz e [nas] ligado ao nó supralaríngeo. A partir desse nó, a autossegmentação é interrompida, ficando o segmento nasal flutuante por não haver especificação quanto ao ponto de articulação.

Segundo Pontes (2014), essa nasal flutuante em posição de coda pode aparecer apenas como uma nasalização da vogal que a antecede e/ou se concretizar em forma de consoante nasal homorgânica com a oclusiva seguinte, ou ter seu lugar de articulação definido pela vogal precedente.

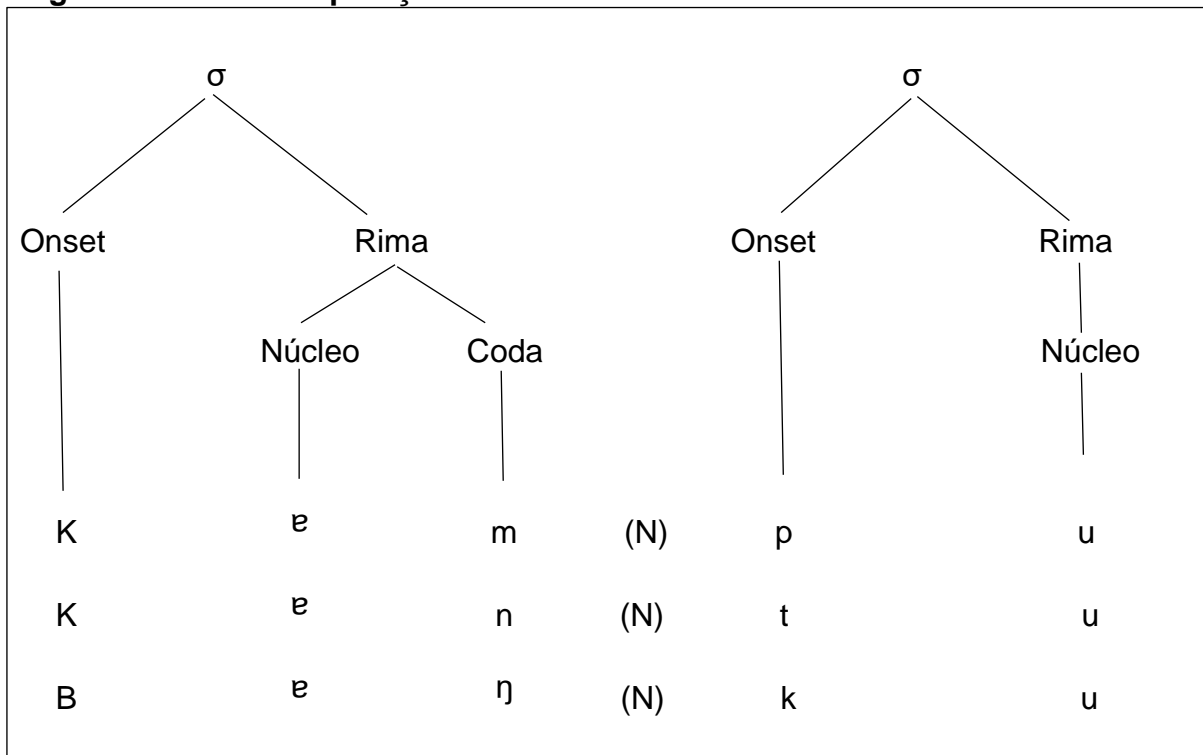
De acordo com Cagliari (1997 *apud* PONTES, 2014, p. 25), em português,

[...] elementos flutuantes, via de regra, não produzem alongamento compensatório e, portanto, são indefinidos também quanto ao tempo (duração intrínseca). Quando a nasal flutuante nasaliza a vogal precedente, não deixa nenhuma marca de tempo a mais na vogal nem resquício de tempo no esqueleto. Porém, quando se realiza como uma consoante nasal na Coda, necessita de uma marca de tempo no esqueleto. Foneticamente, essas nasais são diferentes de uma simples e breve transição de formantes. Assim, pois, se a nasal flutuante se ligar ao Núcleo, irá simplesmente acrescentar o traço [+nas] ao nó de Raiz, mas, se for se ligar à Coda, então deverá dispor de um tempo no esqueleto.

Pontes (2014) explica que, se a nasal flutuante apenas adicionar o traço [+nas] ao núcleo, ela ainda poderá continuar sendo uma sílaba leve, porém, se essa nasal flutuante gerar um elemento na coda, a sílaba se apresentará como pesada. Assim, na concepção do autor, o fato de a nasalidade aparecer em posição de coda não significa que a sílaba se apresentará como pesada.

Vejamos o que apresenta a figura 6 sobre a nasal em posição de coda.

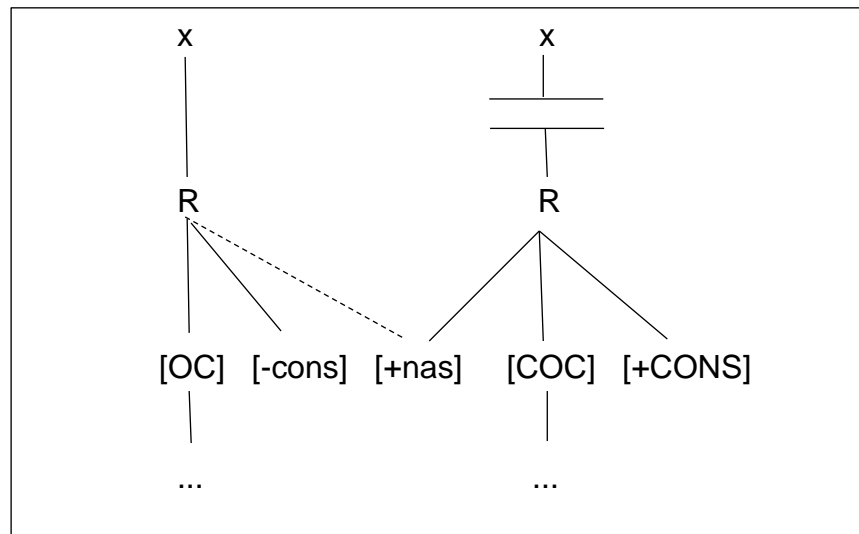
Figura 6 – Nasal em posição de coda silábica



Fonte: Cagliari (1997 *apud* LEAL, 2018. p. 28).

Na figura 6, percebe-se um processo de queda da nasal sem a perda do traço [nas], pois ele se torna flutuante, visto que, durante esse processo, a raiz da coda funde-se com a raiz do núcleo, nasalizando a vogal por meio de um processo de espraiamento, como se vê na figura 7.

Figura 7 – Espreadimento da nasalidade pela regra de fusão da raiz



Fonte: Pontes (2014, p. 28).

A figura 7 apresenta o processo de desligamento da raiz do segmento nasal, sendo que, ao mesmo tempo em que esse segmento se desliga, o seu traço torna-se flutuante e espreada-se para a raiz do núcleo que a antecede, ou seja, da vogal, ocasião em que ocorre a fusão das duas raízes, surgindo aí uma vogal nasalizada. A partir disso, forma-se o segmento VN. Os exemplos evidenciam esse processo.

Kampu > kãmpu > kātu
 Kantu > kãntu > kātu
 Banku > bãнку > bãku

2.2.2 A nasalidade e o acento

De acordo com Matznauer (2005), sob o ponto de vista da fonologia métrica, as línguas podem apresentar três tipos básicos de acento: acento primário, acento secundário e acento principal. Para essa teoria, o acento é considerado um traço distintivo como os demais, visto que, na estrutura profunda das vogais, ou seja, na subjacência, as vogais não são acentuadas. É necessário que haja uma regra específica para que a acentuação aconteça na superfície. No português, o acento primário recai mais frequentemente na penúltima sílaba.

Segundo Câmara Jr. (2015, p. 63), o acento “é uma maior força expiratória da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. Nas palavras formadas por uma ou mais sílabas, sempre há uma em que precisamos emitir uma força expiratória maior, a qual pode incidir “na última, penúltima, antepenúltima, ou,

mais raramente, quarta última de um vocábulo fonológico.” (CAMARA JR., 2015, p. 63).

Para Collischonn (2005), o acento é um fonema especial, visto que não aparece colocado linearmente entre os segmentos, se superpondo a eles, por isso, é chamado de suprasegmento, visto que se acrescenta a segmentos.

No português, o acento pode cair somente sobre uma das três últimas sílabas das palavras. Trata-se, pois, de uma propriedade distributiva do acento português, um indicativo da regularidade subjacente à distribuição do acento nessa língua (COLLISCHONN (2005). A autora ressalta ainda o fato de que “a grande maioria das palavras da língua portuguesa tem o acento na penúltima sílaba. Isto vale não só para substantivos, como também para verbos, adjetivos, preposições e advérbios”. (COLLISCHONN, 2005, p. 143).

Essa autora trata das regras fonológicas que fazem referência ao acento, ou seja, são desencadeadas pelo acento, como a desnasalização, que é o apagamento da nasal e que torna as paroxítonas marcadas em não marcadas. Dessa forma, dentre as muitas ocorrências, Collischonn (2005) cita o verbo (falaram) > (falar[u]). É exatamente essa regra que abordamos nesta pesquisa, cujos dados mostram que alguns alunos omitem a nasal nos verbos, como ilustrado no quadro 3.

Quadro 3 – Exemplos de apagamento de -am.

Escrita padrão	Palavras com a omissão da nasal
decidiram	decidiro
viram	viru
correram	correro
viveram	vivero

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Percebemos que todos esses verbos são paroxítonos e que a nasal encontra-se na sílaba átona, contexto fonológico considerado propício ao apagamento da nasal em posição de coda, conforme Hora (2009).

Câmara Jr. (2015), explica que as sílabas postônicas são mais débeis que as sílabas pretônicas, sendo que, para melhor demonstrar essa afirmação, o autor apresenta o seguinte esquema:

... (1) + 3 + (0) + (0) + (0)

Nesse esquema, 3 indica a posição da sílaba tônica; as reticências, um número indefinido de sílabas pretônicas, e os parênteses, a possibilidade de ausência de sílaba átona (nos monossílabos tônicos). Dessa maneira, fica patente que a falta de intensidade na pronúncia da sílaba postônica contribui para que a nasal em posição de coda seja apagada (COLLISCHONN, 2005).

Com visão semelhante, Hora (2009) enfatiza que o acento é determinante para o apagamento ou não da nasal, sendo que os itens lexicais com as terminações “-em” e “-am” são os mais propensos ao apagamento. Segundo o autor, em palavras com proeminência acentual na penúltima sílaba, principalmente, se a vogal nasalizada é anterior e média, como em <ontem>, <tatuagem>, <paisagem> <homem>, há uma disposição natural ao apagamento da nasal. Quando o acento tônico aparece na última sílaba, como em <armazém>, <também> e <ninguém>, não é comum esse fenômeno acontecer. Em palavras como “batom”, “atum” e “jardim”, também não há o favorecimento do apagamento.

Comparando essas palavras às anteriores, o autor conclui que o motivo para a manutenção do traço nasal é a tonicidade, observando que todas elas são oxítonas e que não possuem ditongo nasal, diferente do que acontece com as terminações em “-em” (HORA, 2009).

2.3 Caracterização das vogais do português brasileiro

Nesta seção, discorreremos sobre o sistema vocálico do português brasileiro, o qual, conforme Silva (2003), deve ser analisado em relação ao sistema acentual: presença de vogais tônicas (ou acentuadas) e de vogais pretônicas e postônicas (ou átonas). Seguindo essa visão, a classificação das vogais como fonemas deve, portanto, partir da posição tônica. Nesse sentido, Câmara Jr (2015, p. 43) apresenta a seguinte distribuição:

Figura 8 – Vogais em posição tônica

altas	/u/		/i/	
médias	/ô/		/ê/	(2º grau)
médias	/ó/		/é/	(1º grau)
baixa		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

Fonte: Câmara Jr. (2015, p. 41).

A partir da distribuição apresentada na figura 8, percebe-se que o sistema vocálico apresenta, em posição tônica, sete vogais: duas altas, duas médias de 2º grau, duas médias de 1º grau e uma vogal baixa central. Ressalta-se que, na variedade oral, devido à alternância nas articulações da fala, mapeamentos diferentes ocorrem nas posições pretônica, tônica, postônica e átona final. Com isso, o sistema vocálico do português brasileiro passa por um processo de redução que pode ser identificado por sete vogais na sílaba tônica, as quais são reduzidas para cinco na posição pretônica, para quatro na posição postônica não-final e para três na posição átona final.

Apresentamos, a seguir, o quadro de vogais do português brasileiro proposto por Câmara Jr. em algumas posições e contextos, com vistas a verificar a redução que ocorre de acordo com a posição em que se encontram.

Iniciamos com o quadro das vogais pretônicas no qual constatamos a redução de sete para cinco vogais nesta posição.

Figura 9 – Vogais pretônicas

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

Fonte: Camara Jr. (2015, p. 44).

Como se pode perceber na figura 9, houve uma redução de sete para cinco vogais, desaparecendo a oposição entre as médias de 1º e 2º graus. Segundo Câmara Jr. (2015), essa redução pode ser interpretada como um fenômeno de neutralização, que é, de acordo com o autor, o desaparecimento de mais de uma oposição, ficando, para cada uma, um fonema, em vez de dois. Nesse caso, desapareceu a oposição entre 1º e 2º graus das vogais médias. Câmara Jr. (2015) alerta, ainda, que tal classificação não é categórica, devido ao comportamento bastante variável dessas vogais quando se realizam nessa posição.

Figura 10 – Primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas

altas	/u/	/i/
média	/../	/e/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2015, p. 44).

Na figura 10, constatamos que a oposição entre /o/ e /u/ ficou prejudicada, segundo Câmara Jr. (2015), sendo que, no registro informal do dialeto carioca, essa oposição tende a desaparecer devido à tendência que o falante tem em harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica, quando esta é átona.

Figura 11 – Vogais átonas finais, diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2015, p. 45).

Câmara Jr. (2015) aponta que, no português do Brasil, a posição da vogal tônica diante de consoantes nasais elimina as vogais médias de 1º grau e torna a vogal baixa central (nesse caso o /a/), levemente posterior, o que imprime, auditivamente, um som abafado. Como exemplos, o autor cita os seguintes vocábulos: *amo*, *lenha* e *sono*. Dessa forma, o que se tem diante de consoantes nasais são cinco vogais e um alofone /â/ (variante posicional), conforme a figura 12.

Figura 12 – Vogais diante de consoante nasal na sílaba seguinte

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	
	[â]	

Fonte: Câmara Jr. (2015, p. 43).

Câmara Jr (2015, p. 43) destaca que “o ponto mais impressionante da alofonia é o desaparecimento da vogal baixa levemente anterior (clara ou não escura), que passa a ser abafada, ou seja, levemente posterior.”

No próximo capítulo explicamos sobre sílaba, seus componentes e os segmentos que as formam, com destaque para a posição que cada um ocupa e os processos fonológicos que afetam esses segmentos.

3 A SÍLABA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para entendermos o fenômeno do apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural, discorreremos sobre a estrutura da sílaba em português.

A sílaba pode ser descrita tanto sob o ponto de vista fonético quanto sob o ponto de vista fonológico. Do ponto de vista fonético, temos suas características físicas; já do ponto de vista fonológico, observam-se suas características e estrutura.

Abordamos, inicialmente, a sílaba sob o ponto de vista fonético, e na sequência, tratamos da sílaba sob o ponto de vista fonológico.

3.1 A abordagem da sílaba do ponto de vista fonético

Para Câmara Jr. (2015, p. 53), conceituar sílaba sob o ponto de vista fonético tem sido uma tarefa bastante complexa, pois

[...] tem-se partido do efeito auditivo (sílabas sonora), da força expiratória (sílabas dinâmicas), do encadeamento articulatório na produção contínua dos sons vocais (sílabas articulatórias, descritas por Saussure numa parte importante do seu Curso) (SAUSSURE, 1922:77s.), da tensão muscular durante essa série de articulações (sílabas intensivas, desenvolvidas por Grammont, na base implícita das sugestões de Paul Passy, para complementar a teoria articulatória de Saussure) (GRAMMONT, 1933:97s) ou do jogo da musculatura peitoral, como estabeleceu Stetson numa elaboração mais rigorosa do conceito de sílaba dinâmica.

Devido às muitas definições que a sílaba apresenta, justifica-se a dificuldade em conceituá-la do ponto de vista fonético, tendo em vista que não há uma teoria que contemple a sílaba de forma absoluta, embora se trate de uma estrutura fonética presente em toda e qualquer língua.

Simões (2006, p. 26) define sílaba como um “conjunto de fonemas emitidos a cada corrente de ar expirada”. Partindo desse princípio, o número de sílabas de um vocábulo é identificado de acordo com a quantidade de vezes que precisamos expirar ao pronunciá-lo.

Silva (2003) sustenta a teoria de Stetson (1951 *apud* CÂMARA JR., 2015), explicando a sílaba em termos do mecanismo de corrente de ar pulmonar. Conforme a autora,

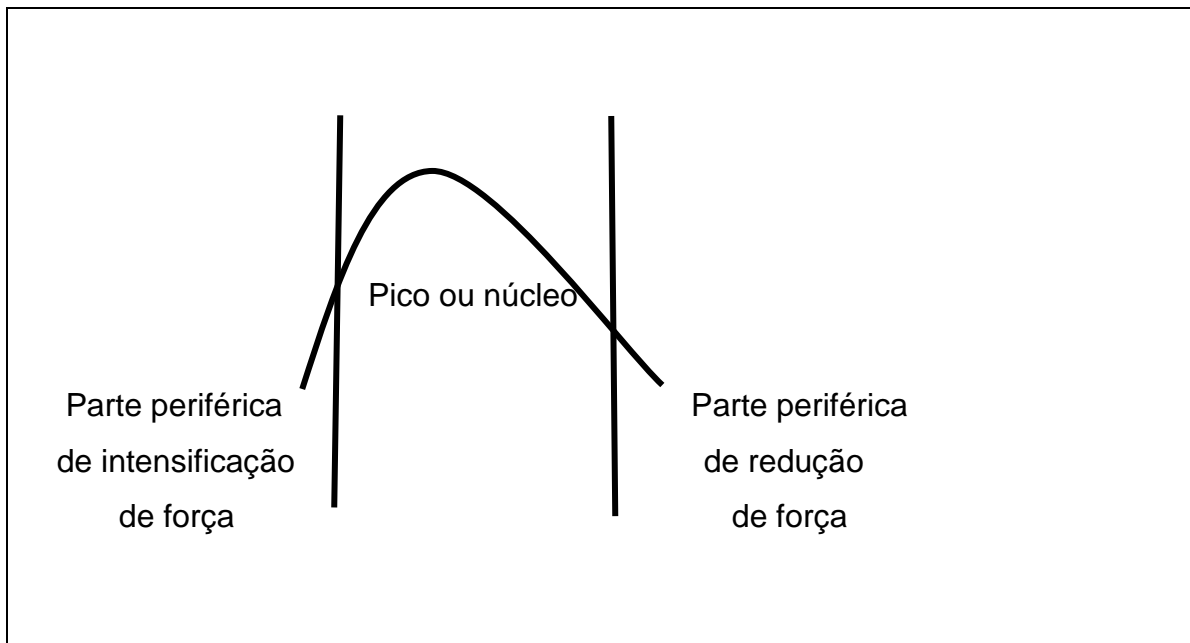
[...] na produção do mecanismo de corrente de ar pulmonar, o ar não é expelido dos pulmões com uma pressão regular e constante. De fato, os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem sucessivamente pequenos jatos de ar. Cada contração e cada jato de ar

expelido dos pulmões constitui a base de uma **sílaba**. A sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que intensifica-se atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força. (SILVA, 2003, p. 76).

Essa teoria explica a sílaba como o resultado de movimentos musculares que resultam em pequenos jatos de ar que saem dos pulmões. Tem-se assim o primeiro parâmetro articulatório a ser ativado na produção de uma palavra.

Na concepção de Cagliari (2007 *apud* CAMPOS, 2011, p. 526), o movimento muscular realizado para a articulação da sílaba é dividido em três partes: intensificação da força muscular, limite máximo de força atingido e redução progressiva de força muscular, como demonstrado na figura 13.

Figura 13 – Esquema do esforço muscular e da curva da força silábica



Fonte: Cagliari (1981, p. 101) – adaptado por Silva (2003, p. 76).

A figura 13 apresenta três partes na estrutura de uma sílaba: duas periféricas, opcionais, que são preenchidas por segmentos consonantais, e uma nuclear, obrigatória, geralmente, preenchida por um segmento vocálico.

3.2 A sílaba do ponto de vista fonológico

De acordo com Alves (2017), nas últimas cinco décadas, linguistas têm tentado caracterizar a sílaba em termos representacionais e investigar o processo de silabação de um determinado sistema linguístico. Nesse contexto, Collischonn (2005) afirma que, nos anos 1970, a discussão girava em torno do *status* fonológico da sílaba, sendo que, somente a partir de trabalhos como o de Hooper (1976) e Kann (1976), a

sílaba foi gradativamente sendo aceita como unidade fonológica, o que aumentou rapidamente o número de pesquisas sobre sua natureza e o papel desempenhado na fonologia das línguas.

Mendonça (2003) frisa que, na teoria fonológica, a história da sílaba começou na Escola de Praga, com os prosodistas de Londres, passando pelo Estruturalismo Americano, até chegar à moderna teoria gerativa, incluindo, ainda, a teoria autossegmental. Segundo a autora, na fonologia, os estudos sobre a sílaba só vieram a ganhar destaque a partir dos anos 1970. Antes, as sílabas eram percebidas apenas como sequências de consoantes e vogais, de modo que simpatizantes e críticos logo perceberam essa lacuna e, a partir daí, foram surgindo revisões, com os estudos sobre a importância da sílaba na fonologia se ampliando a cada década.

[...] nos primeiros estudos da fonologia Gerativa no Sound Pattern of English - SPE - de Chomsky & Halle (1968), a sílaba não foi profundamente abordada. As palavras eram vistas como seqüências de consoantes e vogais. Contudo, este 'lapso' foi imediatamente percebido, seja por simpatizantes, seja por críticos da teoria, surgindo assim, uma série de revisões e de novos estudos sobre a sílaba, salientando sua importância na fonologia. Podem-se citar os trabalhos de Fudge 1969, Hooper 1972 e Vennemann 1972. Porém, ainda antes do SPE, os estudos de Pike e Pike (1942) e de Hockett (1955) são considerados por Blevins (1995), obras clássicas voltadas para a análise da sílaba. (MENDONÇA, 2003, p. 01)

Conforme Mendonça (2005), fonólogos como Blevins (1998), Selkirk (1982), Goldsmith (1990) e Spencer (1996) concederam um espaço privilegiado para a sílaba dentro da fonologia, destacando-a como unidade linguisticamente significativa.

Mendonça (2005, p. 51) destaca ainda que

[...] as primeiras representações das sílabas eram feitas linearmente. O aprofundamento dos estudos conduziu a um novo modelo de estrutura silábica, que utiliza diagramas em forma de árvores, onde cada traço, cada seqüência é organizada a partir de uma certa hierarquia semelhante, em termos de arranjo, às árvores utilizadas pela sintaxe.

Collischonn (2005) ressalta a existência de duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba: a teoria autossegmental e a teoria métrica. Kahn (1976) é responsável pela teoria autossegmental, que concebe as sílabas (representadas pela letra grega σ) ligadas diretamente aos segmentos num mesmo plano estrutural, ou seja, não há hierarquia entre seus elementos. Já a teoria métrica, desenvolvida por Selkirk (1982), apresenta a sílaba dotada de uma caracterização arbórea que prevê uma estrutura interna hierarquizada entre os seus elementos. Nessa proposta, a

sílaba se divide em dois segmentos: o primeiro se denomina ataque (*onset*) e o segundo, rima, a qual se ramifica em núcleo e coda.

Na visão de Collichonn (2005), as duas teorias fazem distinções diferentes a respeito do relacionamento entre elementos no interior da sílaba, ou seja, apesar de os pesquisadores concordarem que a sílaba tem um papel central na hierarquia fonológica, não há unanimidade quanto a sua estrutura interna.

Na análise do *corpus* desta pesquisa, tomamos como base a teoria de Selkirk (1982) sobre a sílaba, por julgarmos ser esse modelo capaz de dar respostas aos processos fonológicos relacionados à nasal terminada em am em posição de coda.

3.2.1 Estrutura silábica do português brasileiro

A sílaba é constituída de segmentos fonológicos cujo padrão varia entre as línguas, conforme o inventário de fonemas que cada uma dispõe. Vejamos os padrões silábicos do português na sequência presente no quadro 4.

Quadro 4 – Molde silábico

V	<u>a</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>instável</u>
CV	<u>la</u>
CVC	<u>sal</u>
CVCC	<u>perspectiva</u>
CCV	<u>pedra</u>
CCVC	<u>atrás</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>rei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustrofóbico</u>

Fonte: Adaptado de Collischonn (2005, p. 117).

Como demonstrado no quadro 4, o padrão silábico que ocorre com mais frequência é CV, ou sílaba aberta, razão pela qual é denominada também de padrão canônico.

Câmara Jr. (2015) destaca que, considerando-se, simbolicamente, V como o centro da sílaba e C como um elemento marginal, têm-se os tipos silábicos:

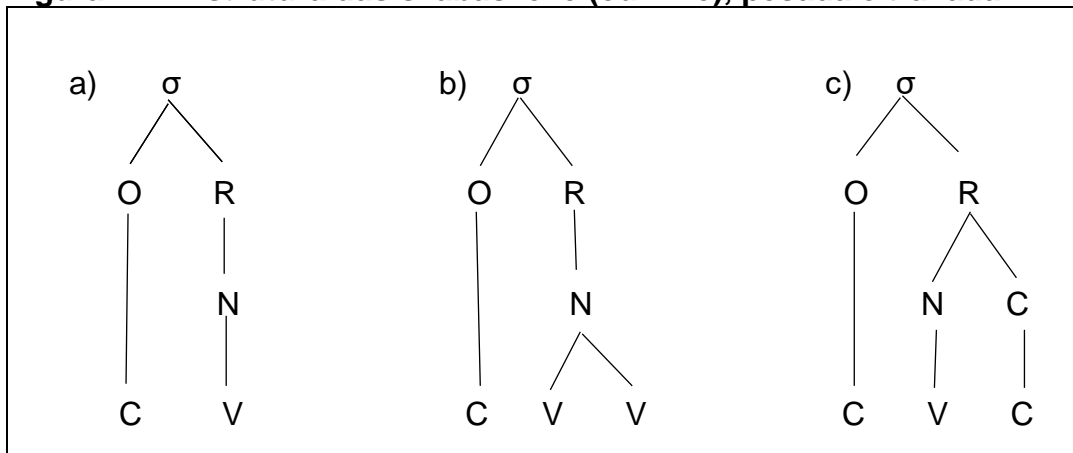
V (sílabas simples)

CV (sílabas complexas crescentes)

CVC (sílabas complexa crescente-decrescente)

Ainda de acordo com Câmara Jr. (2015), conforme a presença ou a ausência de um desses elementos, ou seja, V e CV de um lado e VC e CVC de outro lado, tem-se a sílaba aberta (ou livre), a sílaba fechada e a sílaba travada, como demonstrado na figura 14:

Figura 14 – Estrutura das sílabas leve (ou livre), pesada e travada

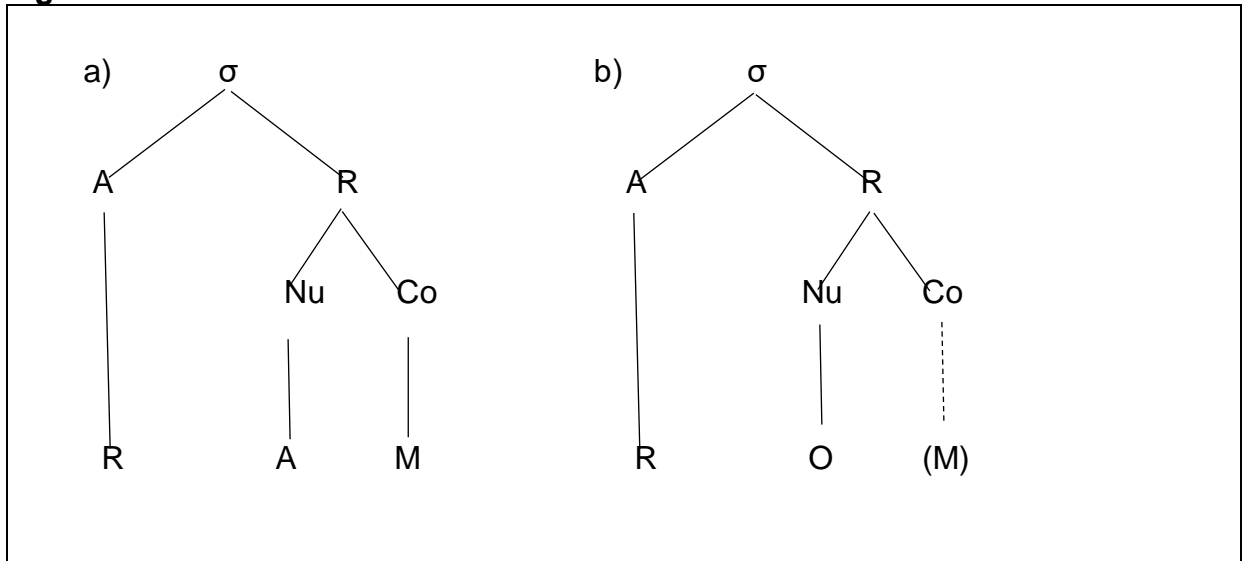


Fonte: Mendonça (2003, p. 37).

Conforme a figura 14, somente na letra **a** tem-se sílaba leve (ou livre); na letra **b**, sílaba pesada, e na letra **c**, sílaba travada. Em português, um dos elementos que funciona na parte decrescente da sílaba é o arquifonema N (nas chamadas vogais nasais), estabelecendo-se, assim, o travamento da sílaba.

Na figura 15, demonstra-se o modo como a estrutura da sílaba “ram”, do vocábulo “viajaram”, é representada pela estrutura arbórea. Essa representação mostra, na letra “a”, o exemplo de uma sílaba travada em que o arquifonema /N/ ocupando a posição de coda da sílaba é o segmento que contribui para o travamento dessa sílaba.

Figura 15 – Estrutura da sílaba “ram”



Fonte: Adaptado de Collischonn (2005, p. 104).

Nota:

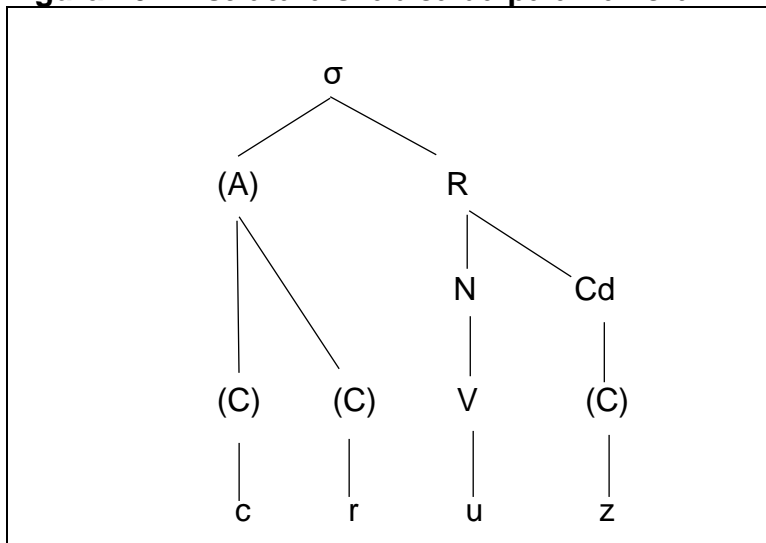
a) Estrutura da sílaba “ram” de acordo com a norma padrão;

b) Estrutura da sílaba “ram” depois de sofrer o processo de apagamento da nasal.

De acordo com Collischonn (2005), as línguas diferem quanto ao número de segmentos permitidos em cada constituinte. Na língua portuguesa, não há consenso entre os autores com relação ao número máximo de elementos que uma sílaba possa conter, devido às diferentes análises fonológicas empreendidas em diferentes estudos. É perceptível, no entanto, que os padrões da sílaba do português brasileiro apresentam, no máximo, dois elementos no ataque e três elementos na rima da sílaba, sendo a distribuição entre coda e rima um aspecto que deve ser ainda mais bem definido pelos teóricos.

A título de ilustração, observemos a estrutura da sílaba “cruz” apresentada de acordo com o molde silábico proposto por Bisol (2013, p. 23). O molde silábico é “uma afirmação geral a respeito da estrutura possível de sílabas numa determinada língua” (COLLISCHONN, 2005, p. 108). Essa estrutura, apresentada na figura 16, a seguir, é para demonstrar que os elementos entre parênteses são opcionais na sílaba. Assim, o ataque e a coda são opcionais, enquanto o núcleo é obrigatório.

Figura 16 – Estrutura silábica da palavra “cruz”

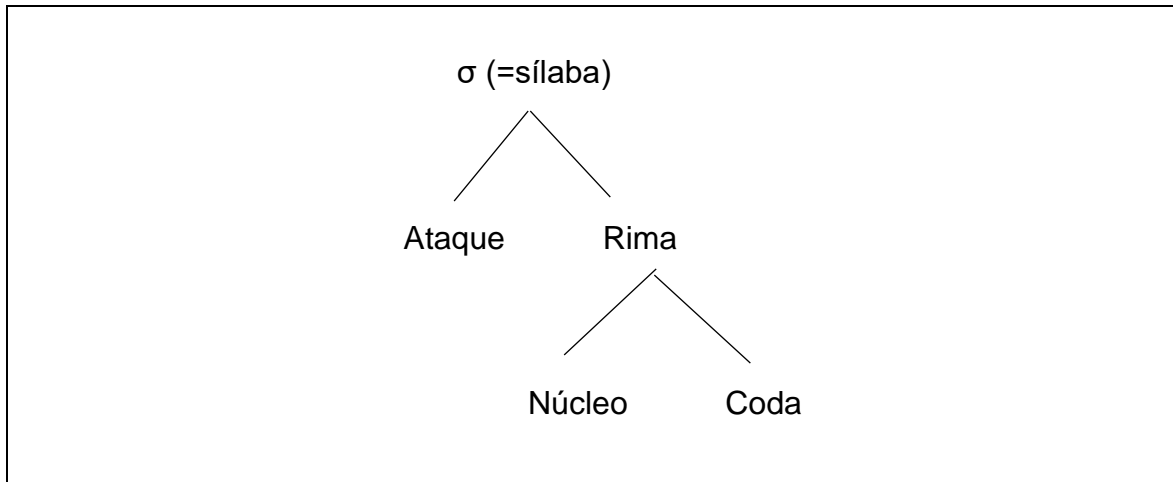


Fonte: Adaptado de Bisol (2013, p. 23).

Como se nota, a sílaba em português apresenta estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, sendo que apenas a rima é obrigatória. Por conseguinte, a rima também possui estrutura binária, constituída por núcleo e coda, sendo que o núcleo vai ser sempre uma vogal, enquanto a coda pode ser representada por [r], [l], [N] e [S]. Já o ataque também pode ser constituído por, no máximo, dois segmentos, sendo que o primeiro segmento pode ser representado pelas seguintes letras: [p], [b], [t], [d], [k], [g], [f], [v], enquanto o segundo só pode ser ocupado por [l] e [r].

3.2.2 Os constituintes da sílaba

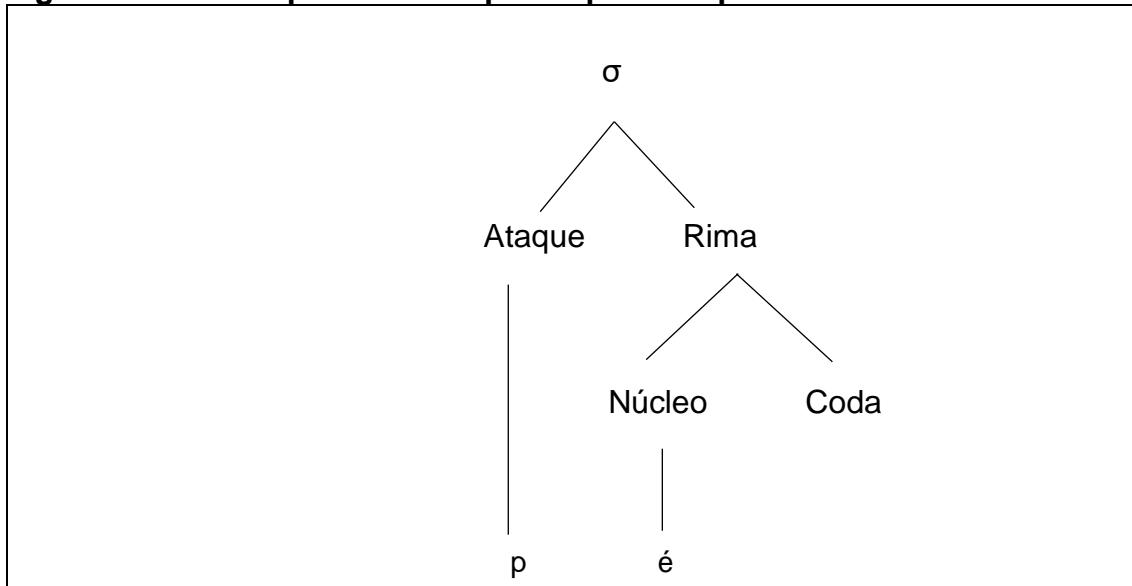
Na proposta de Selkirk (1982 *apud* ALVES, 2017, p. 128), a sílaba é uma unidade fonológica em que os segmentos se encontram hierarquicamente organizados, caracterizando, portanto, uma estrutura arbórea. Segundo o autor, os constituintes da sílaba estão divididos em ataque (*onset*) e rima, sendo a rima subdividida em núcleo e coda. Essa maneira de representação garante uma maior relação entre as unidades de núcleo e coda frente ao ataque, de acordo com Alves (2017), conforme figura 17, a seguir.

Figura 17 – Estrutura interna da sílaba

Fonte: Hora (2009, p. 29).

O modelo hierárquico de Selkirk (1982) diz respeito à forma como os segmentos estão organizados. Em qualquer língua, é possível perceber que eles seguem determinados princípios organizacionais, no entanto esses princípios não são os mesmos para todas as línguas.

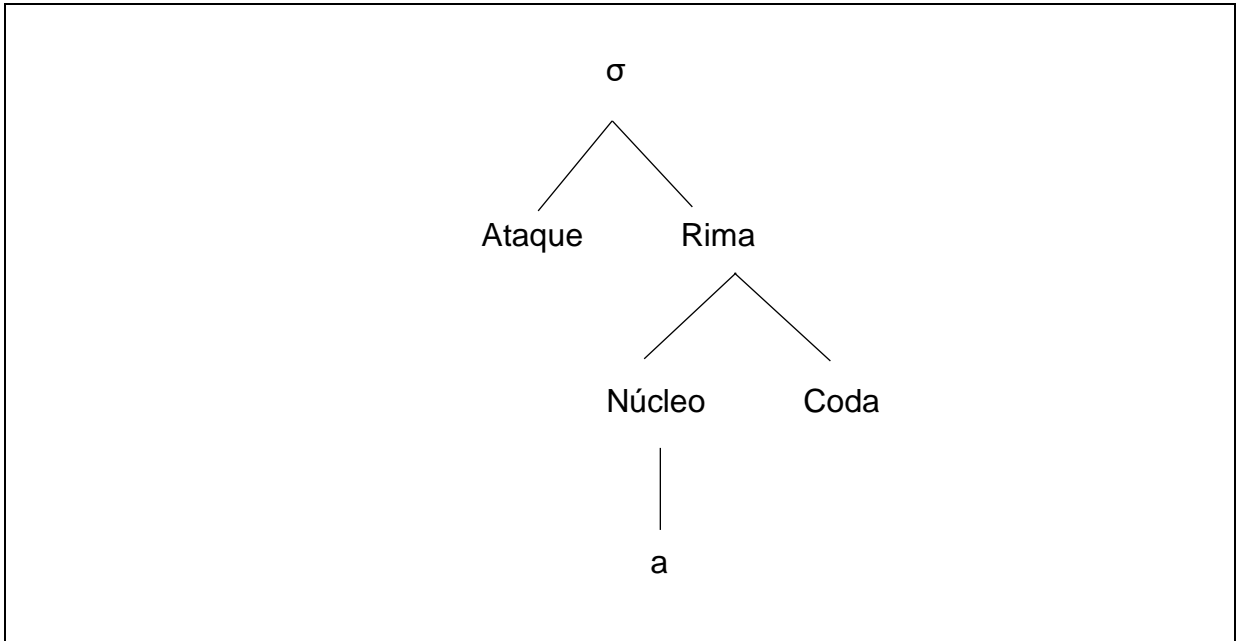
Em relação aos constituintes da sílaba, nem todas preenchem todas as posições. Hora (2009) aponta sílabas compostas somente pelo ataque e núcleo, como em “pé” (figura 18).

Figura 18 – Sílaba preenchida apenas pelo ataque e o núcleo

Fonte: Adaptado de Hora (2009, p. 29).

Existem também sílabas em que apenas o núcleo é preenchido, como verificamos em ‘a’, apresentado no diagrama formalizado na figura 19, a seguir.

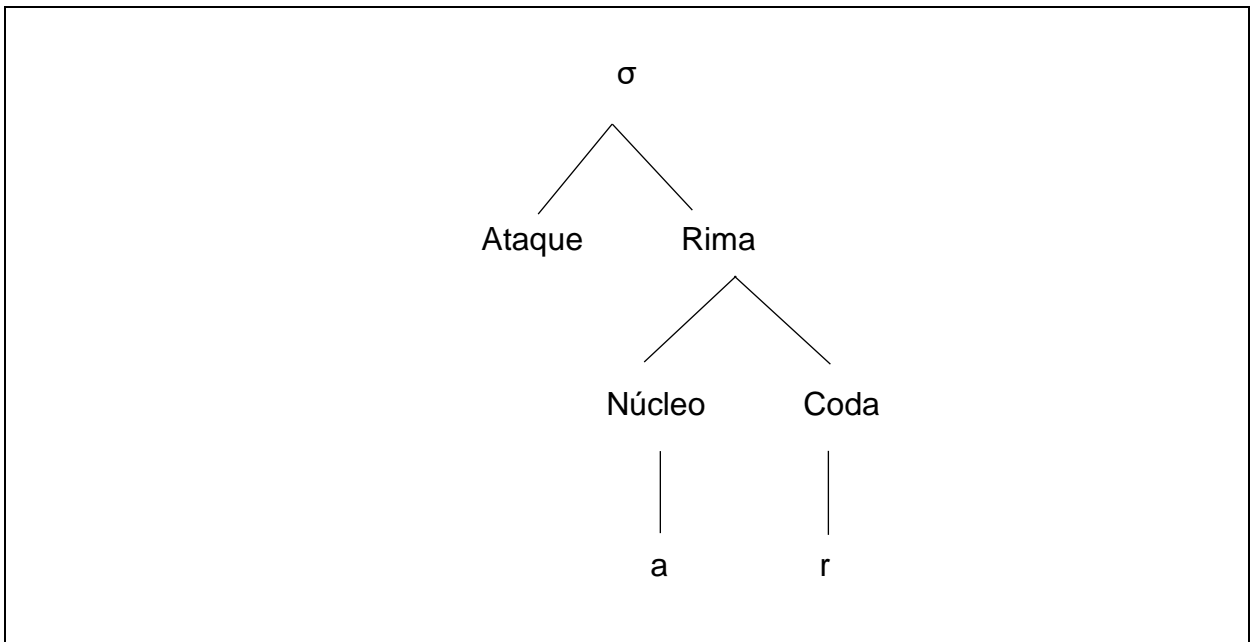
Figura 19 – Sílabas em que só o núcleo é preenchido



Fonte: Hora (2009, p. 29).

Há outras em que apenas o núcleo e a coda são preenchidos, como em 'ar' (figura 20).

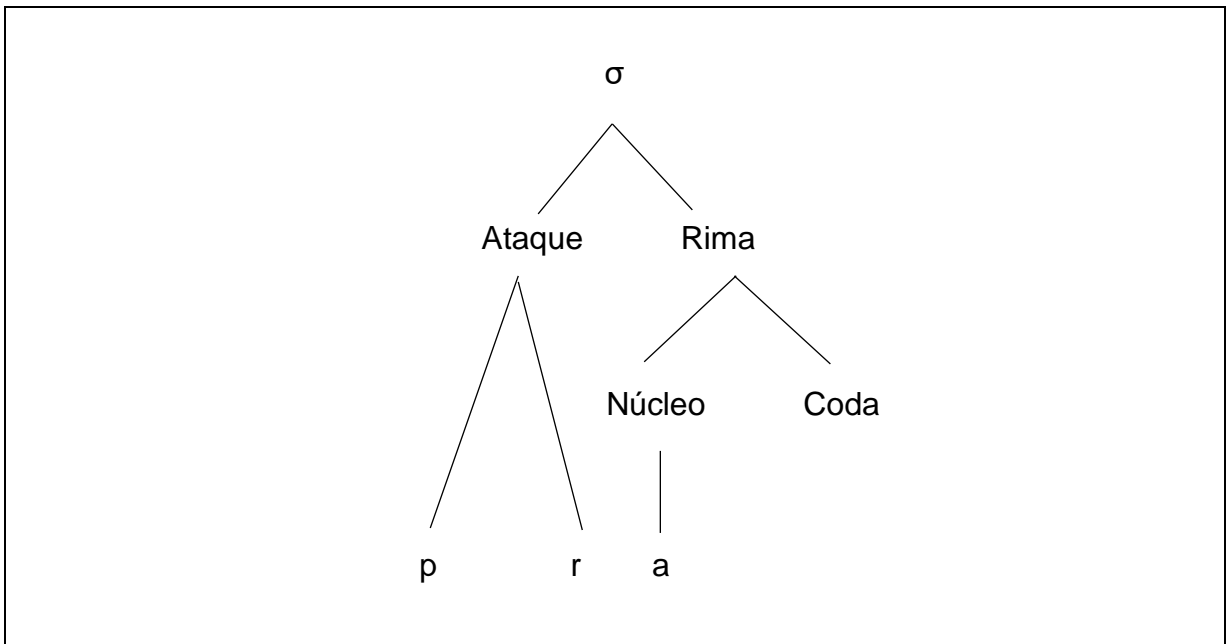
Figura 20 – Sílabas em que só o núcleo e a coda são preenchidos



Fonte: Hora (2009, p. 30).

Há também a possibilidade de o ataque e a coda serem complexos, o que “significa serem ramificadas” (HORA, 2009, p. 30), como constatado em “pra”, cujo ataque é constituído pelas consoantes p e r, conforme demonstrado no diagrama da figura 21.

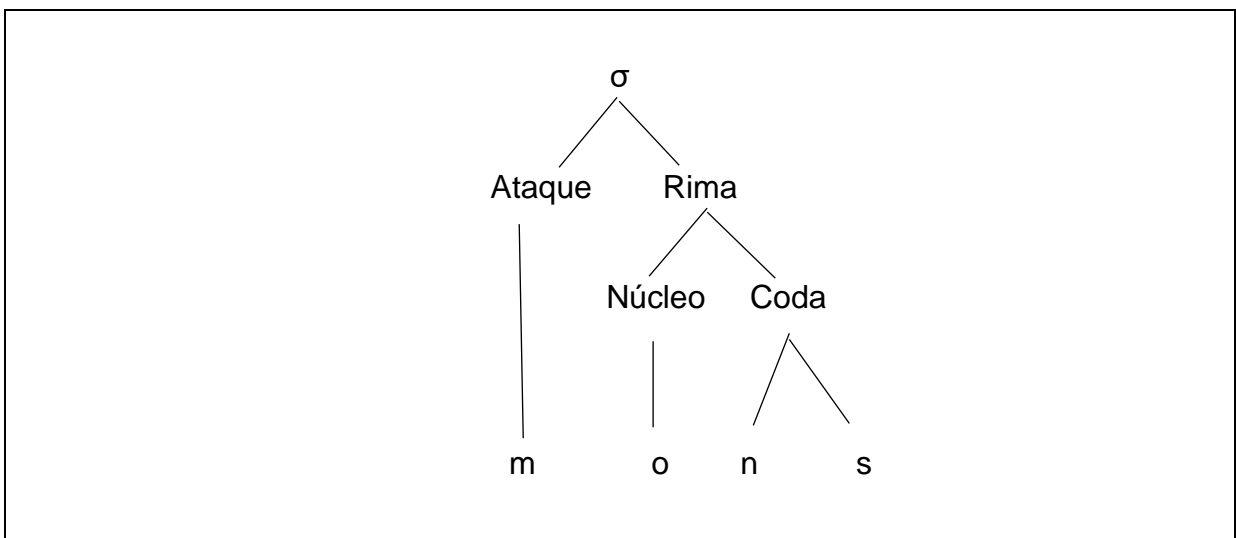
Figura 21 – Sílabas em que o ataque é complexo



Fonte: Hora (2009, p. 30).

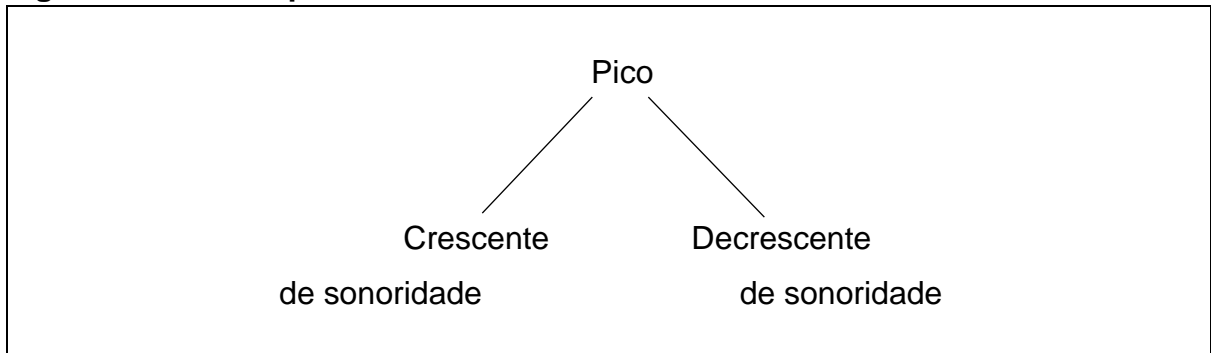
Além disso, há também a coda complexa, como na sílaba “mons” da palavra “monstro”, em que ‘n’ e ‘s’ ocupam tal posição, como esboçado no diagrama da figura 22.

Figura 22 – Sílabas com coda complexa



Fonte: Hora (2009, p. 30).

No que se refere aos constituintes, é importante destacar que o núcleo sempre é preenchido por uma vogal, enquanto a posição de coda, no português brasileiro, só pode ser preenchida pelas consoantes L, R, S, N, assunto a ser discutido em seção posterior. Vale ressaltar que o preenchimento de cada constituinte é definido por uma escala de sonoridade que obedece à hierarquia apresentada na figura 23.

Figura 23 – Hierarquia sonora

Fonte: Mendonça (2003, p. 28).

O pico, considerado o maior nível de sonoridade em língua portuguesa, é ocupado pelas vogais. Assim, o elemento mais sonoro ocupará o núcleo da sílaba, enquanto os menos sonoros ocuparão as periferias (*onset* e *coda*). O *onset*, por encontrar-se na posição inicial, será preenchido por consoantes mais baixas em relação à escala de sonoridade, diferentemente da *coda*, que, por assumir uma posição de travamento, é ocupada por consoantes mais sonoras.

Quadro 5 – Escala de sonoridade

Vogal	>	Líquida	>	Nasal	>	Obstruinte
3		2		1		0

Fonte: Collischonn (2005, p. 111).

A escala de sonoridade é de suma importância na estrutura da sílaba, porque o grau de sonoridade de um segmento tem a ver com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Dessa maneira, na visão de Collischonn (2005), em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro é a vogal, e qualquer consoante pode assumir a posição de ataque, quando esse for considerado simples.

3.2.3 Sílabas leves e sílabas pesadas

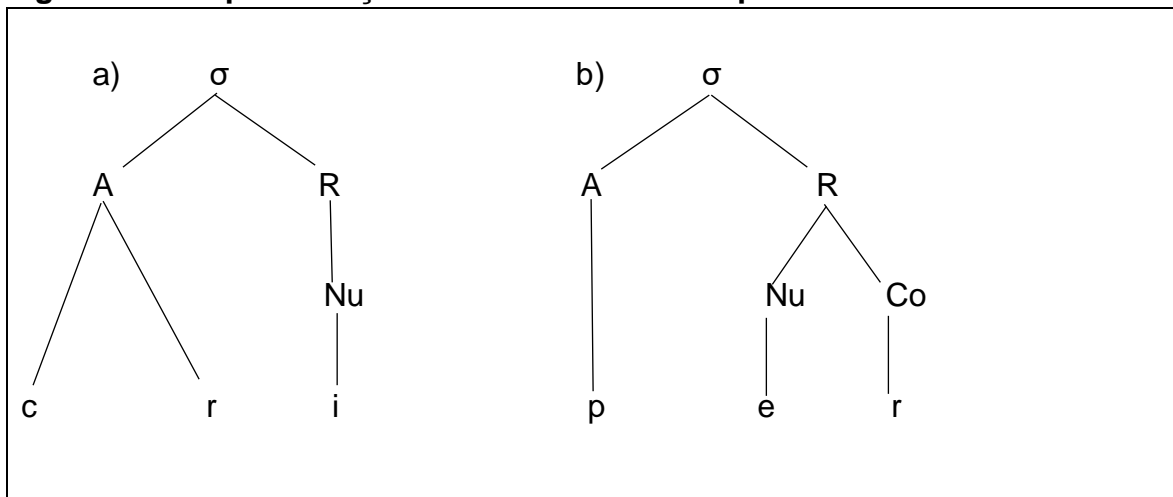
Segundo Mendonça (2003), a teoria métrica trabalha com a ideia de peso silábico. Essa autora destaca o estudo de Massini-Cagliari e Cagliari (1998) sobre o acento e o peso silábico do português, o qual aponta aspectos universais que dizem respeito ao peso silábico. Nessa perspectiva, Mendonça (2003, p. 37) observa que

sílabas com sequência CV são sempre leves, e sílabas CVC podem variar, podendo ser consideradas como leves ou pesadas. Uma sílaba CVC vai ser

considerada leve se forem contados os elementos do núcleo, ou pesada, se forem contados os elementos da rima. Este critério varia de língua para língua.

Para Collischonn (2005), nas línguas há uma diferença entre sílabas leves e sílabas pesadas, a qual se reflete nas regras de distribuição de acento e na atribuição de tom em línguas tonais. O número de elementos que constituem a rima é o que determina se a sílaba é pesada ou não. De acordo com Collischonn (2005,) sílabas pesadas são constituídas por mais de um elemento, no entanto nem todas as sílabas de mais de um elemento são pesadas. Para uma melhor compreensão melhor, na figura 24, estão as representações propostas por Collischonn (2005).

Figura 24 – Representações das sílabas leves e pesadas



Fonte: Collischonn (2005, p. 104).

Conforme a figura 24, em (a), o ataque da sílaba é ramificado, diferentemente de (b), em que a rima é que se apresenta ramificada. Assim, de acordo com Collischonn (2005, p. 105),

rimas constituídas somente por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante ou por vogal + vogal (ditongo ou vogal longa) são pesadas. Em consequência, podemos definir a distinção entre sílabas pesadas e leves como uma distinção entre sílabas com rima ramificada e sílabas com rima não-ramificada.

Sob essa ótica, entendemos que é a partir da rima que se verifica a noção de peso silábico. O ataque é, portanto, irrelevante para esse peso. Isso significa que, quando a rima for constituída por apenas um elemento no núcleo, tem-se uma sílaba leve, e, caso a rima seja composta por um elemento no núcleo e outro na coda, a sílaba será pesada.

3.2.4 Coda silábica

A posição de coda em uma sílaba é ocupada por um número restrito de segmentos, como explica Selkirk (1982 *apud* CAMPOS, 2011, p. 12), “a coda é um constituinte não-imediato da sílaba que apresenta várias restrições de preenchimento”.

Já Blevins (1998 *apud* MENDONÇA, 2003, p. 36) argumenta:

[...] que a natureza da coda é considerada uma questão empírica, e que os dados acumulados até agora sugerem que tais restrições podem estar relacionadas com a sonoridade e com mudanças sonoras pelas quais a língua possa ter passado.

No português brasileiro, a posição de coda é denominada por Câmara Jr. (2015) de travamento silábico, o qual pode ser realizado por quatro segmentos: /l/, /r/, /s/, /N/, sendo que, quando esse último segmento aparece em posição de coda, o autor considera que, na sílaba, há uma vogal travada por um elemento nasal.

Mendonça (2003) explica que o lugar onde a coda ocorre é fundamental para a análise do seu papel na estrutura silábica, visto que ela pode ocorrer no meio ou no final de palavras. No caso de ocorrer no final de palavras, “a coda pode atuar com marca morfológica, tempo verbal ou plural” (SPENCER, 1996 *apud* MENDONÇA, 2003, p. 36).

Nesta pesquisa, se trata sobre a coda atuando como tempo verbal e mais, especificamente, sobre o apagamento dessa coda, aspecto sobre o qual Guy (1981, p. 202 *apud* SILVA, 2018, p. 411) esclarece: “o apagamento da coda nasal no português brasileiro é um reflexo de um enfraquecimento das consoantes nasais em coda silábica”.

Cagliari (2009 *apud* CAMPOS, 2011, p. 12), explica que “a posição de coda corresponde a um momento de redução de energia, o que pode tornar os segmentos que preenchem essa posição da sílaba, menos audíveis”. Nesse sentido, Brod (2010) aponta a coda como um constituinte frágil, sujeito a restrições. Sobre isso, a autora ressalta que, quando em final de palavra, a consoante que preenche essa posição está sujeita a processos fonológicos específicos, como é o caso do apagamento. Em português, somente os segmentos /N/, /R/ e /S/ podem preencher essa posição.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia adotada para a execução desta pesquisa, a qual trata do processo de apagamento das nasais em coda final de sílabas na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Para descrever o caminho percorrido, dividimos este capítulo em 3 subseções, assim distribuídas: caracterização da pesquisa; campo e sujeito da pesquisa; dados da pesquisa e categorias de análise.

4.1 Caracterização da pesquisa

Quanto ao objetivo esta pesquisa classifica-se como descritiva e explicativa. É considerada descritiva porque, de acordo com Gil (2002), procedeu-se à descrição do fenômeno observado, e explicativa, porque se identificaram os fatores que determinaram ou contribuíram para a ocorrência dos fenômenos observados.

Especificamente, a classificação desta pesquisa como descritiva se deve ao fato de que, a partir das produções escritas dos alunos, foram levantados os dados de apagamento da nasal, os quais foram descritos e analisados à luz das teorias que embasaram esta pesquisa, o que possibilitou a confirmação ou não das hipóteses levantadas acerca das motivações que levam o aluno a apagar a nasal em coda silábica.

Quanto aos procedimentos técnicos, esta investigação desenvolveu-se através de uma pesquisa de campo, auxiliada pela pesquisa bibliográfica, que forneceu os fundamentos teóricos deste trabalho.

Em relação à pesquisa bibliográfica, buscamos informações sobre o assunto em sites, livros, revistas e materiais impressos, o que possibilitou uma melhor compreensão dos resultados obtidos. Gil (2002, p. 44) esclarece que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já elaborados constituídos principalmente em livros e artigos científicos”.

Quanto à natureza, a pesquisa é considerada aplicada, tendo em vista que os seus resultados foram utilizados na solução de problemas que ocorrem na realidade de sala de aula. Segundo Marconi e Lakatos (2002), considera-se de natureza aplicada uma pesquisa de caráter prático, em que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade. Em nosso caso, essa realidade corresponde ao “chão da escola”.

4.2 Campo e sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de Timon (MA), cidade vizinha à capital do estado do Piauí, Teresina. De acordo com os dados do IBGE (2017), a população timonense é estimada em 167.619 habitantes.

A escola funciona nos três turnos, sendo que, nos turnos manhã e tarde, funciona a modalidade de Ensino Fundamental Maior (6º ao 9º ano), e, no turno noite funciona a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao todo a escola possui 18 turmas.

Em relação ao quadro discente, a escola registrou matrícula de 650 alunos, no ano de 2020. O corpo docente é constituído por 31 professores. A escola conta, ainda, com 4 zeladoras, 3 vigias, 3 auxiliares de secretaria, 2 coordenadoras, uma psicopedagoga, um diretor titular e um diretor adjunto.

Quanto à estrutura física, na escola, há 7 salas de aula, todas climatizadas, sala de atendimento educacional especializado (AEE), secretaria, cantina, banheiros, laboratório de informática e biblioteca.

Os sujeitos selecionados para a pesquisa foram os alunos de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental. A escolha se deu pelo fato de a pesquisadora ministrar aulas de Língua Portuguesa nessa turma e considerar que, nessa fase, o aluno já tenha se apropriado da escrita no sentido de escrever convencionalmente, conforme exigido pela norma culta e pelos documentos de orientação do MEC.

Dos 35 alunos matriculados na turma, apenas 24 participaram da pesquisa, sendo 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idade entre 11 e 14 anos. Trata-se de crianças e adolescentes residentes em bairros próximos à escola, sendo a maioria oriunda de família de baixa renda e beneficiária de programas sociais do Governo Federal.

Apesar de a coleta de dados ter sido realizada com 24 discentes, foram selecionados para a descrição e análise dos dados apenas os alunos cujos textos apresentaram o fenômeno pesquisado neste trabalho.

Os alunos que participaram da pesquisa estão codificados da seguinte forma: A1 para aluno 1, A2 para aluno 2, A3 para aluno 3, e assim por diante.

4.3 Dados da pesquisa

Os dados desta pesquisa foram coletados através de uma atividade diagnóstica realizada no primeiro semestre do ano de 2020. O instrumento de coleta foi a produção textual de um conto de fadas que o aluno escolheu dentre as opções apresentadas pela pesquisadora. A escolha do gênero, conto de fadas, se deu por entendermos ser um gênero mais propício a encontrarmos verbos com a terminação am, por se tratar de um gênero sempre narrado no passado e em terceira pessoa. Os alunos que não lembraram de nenhum dos contos sugeridos ficaram à vontade para escrever o conto de sua preferência e do qual se lembrassem no momento da produção.

Todos os alunos foram convidados a participar, contudo somente alguns aceitaram participar, de modo que foram analisados todos os textos que apresentaram o fenômeno.

4.4 Categorias de análise

Nesta seção apresentamos a definição das variáveis consideradas relevantes no estudo do apagamento da nasal na língua escrita. Selecionamos duas variáveis: a dependente e as independentes, sendo estas, por sua vez, subdivididas em linguísticas e extralinguísticas.

4.4.1 Variável dependente

A variável dependente corresponde ao processo de apagamento da nasal em coda final em verbos na 3ª pessoa do plural do modo indicativo. Para a averiguação dessa variável, identificamos e analisamos as ocorrências do processo estudado.

4.4.2 Variáveis independentes – linguísticas ou extralinguísticas

Correspondem a fatores internos ou externos à língua capazes de influenciar o fenômeno pesquisado.

4.4.2.1 Variável linguística

Com o intuito de identificar os contextos fonológicos que favorecem o apagamento da nasal, examinamos duas variáveis linguísticas: contexto precedente e o contexto tonicidade.

4.4.2.1.1 Apagamento da nasal e o contexto precedente

Com a consideração dessa variável, buscamos identificar qual o contexto precedente favorecedor do apagamento da nasal.

4.4.2.1.2 Apagamento da nasal e a tonicidade

Com essa variável, identificamos a influência do acento no apagamento da nasal, fenômeno favorecido, sobretudo, na sílaba postônica.

4.4.2.2 Variável extralinguística

As variáveis extralinguísticas estão relacionadas a fatores sociais externos à língua como, por exemplo, gênero, escolaridade faixa etária etc. Neste trabalho, consideramos apenas a variável gênero/sexo, uma vez que o nível de escolaridade e a faixa etária dos informantes são os mesmos

4.4.2.2.1 Apagamento da nasal e a variável sexo

Como destacado, somente a variável sexo foi relevante, e nos chamou atenção por identificarmos que, dentre os informantes que cometeram o apagamento, há somente um do sexo feminino.

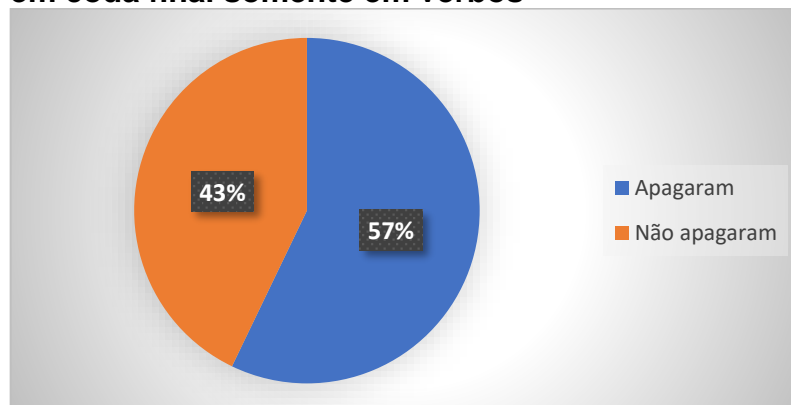
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise e a discussão dos dados referentes ao apagamento das consoantes -m e -n em posição final de sílaba. O capítulo encontra-se estruturado em cinco seções, sendo que, na primeira, mensuramos a quantidade de informantes que apagaram a nasal somente em verbos. Em seguida, interpretamos os dados sobre o apagamento da nasal em final de sílaba, considerando as categorias de análises linguísticas, a saber: contexto fonológico precedente e contexto tonicidade, assim também como a categoria extralinguística: sexo. Na última seção, apresentamos a proposta de intervenção.

5.1 Apagamento da nasal em coda final de verbos na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo

O gráfico 1 demonstra o percentual de alunos que apagaram a nasal em formas verbais.

Gráfico 1 – Percentual de alunos que apagaram a nasal em coda final somente em verbos



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Como demonstra o gráfico 1, o apagamento da nasal final em verbos foi significativo, com 57% de ocorrências.

Battisti (2002) comenta que os resultados encontrados por Votre (1978) sobre categoria gramatical revelaram que os verbos não pretéritos favorecem o apagamento da nasal, enquanto os verbos pretéritos e os substantivos retêm.

Battisti (2002) constatou que, na fala de adultos, há uma predominância do apagamento da nasal final em nomes, se sobrepondo ao apagamento em verbos. Embora não seja em texto escrito, como constatado na nossa pesquisa, mesmo

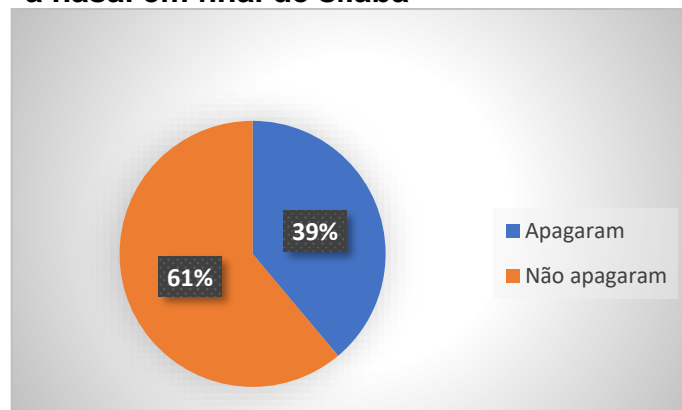
assim, podemos fazer uma correlação entre os dados, pois verificamos uma forte tendência ao apagamento da nasal final em verbos pretéritos, o que vai de encontro aos resultados encontrados por Votre (1978) e Battisti (2002).

5.1.1 Ocorrências do apagamento da nasal em final de sílaba

Através do levantamento de dados, verificamos que, dos 24 textos que formam o *corpus* da pesquisa, 18 apresentaram palavras grafadas com a nasal, sendo que, desses 18, 7 apresentaram o fenômeno pesquisado. Juntos, esses 7 textos apresentaram 33 palavras com apagamento, sendo a maioria verbos, o que nos possibilitou concluir que a maior concentração dos apagamentos está em coda final de verbos na 3ª pessoa do plural do perfeito do indicativo.

O percentual de alunos que apagaram a nasal em final de sílaba se apresenta no gráfico 2.

Gráfico 2 – Percentual de alunos que apagaram a nasal em final de sílaba



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A partir do gráfico 2, destacamos, no quadro 6, as ocorrências do apagamento das consoantes /m/ ou /n/ em final de sílaba, conforme identificadas nos textos dos alunos participantes da pesquisa.

Quadro 6 – Ocorrências de apagamento da nasal em final de sílaba

Textos	Escrita com apagamento da nasal	Forma correta
A1	decidiro cotrui distoti vieru atumetado cotou tobem assi corero	decidiram construiu distante vieram atormentando contou também assim correram
A2	moravo desidiro coutrurios cotrui tetou viro corero assi etau tobem ficarau sepre vivero	moravam decidiram construíram construiu tentou viram correram assim então também ficaram sempre viveram
A3	fizero	fizeram
A4	vivero	viveram
A5	desendiro correro moraro vivero	decidiram correram moraram viveram
A6	foreu fizereu forau ficareu	foram fizeram foram ficaram
A7	lobsone fisero	lobisomem fizeram

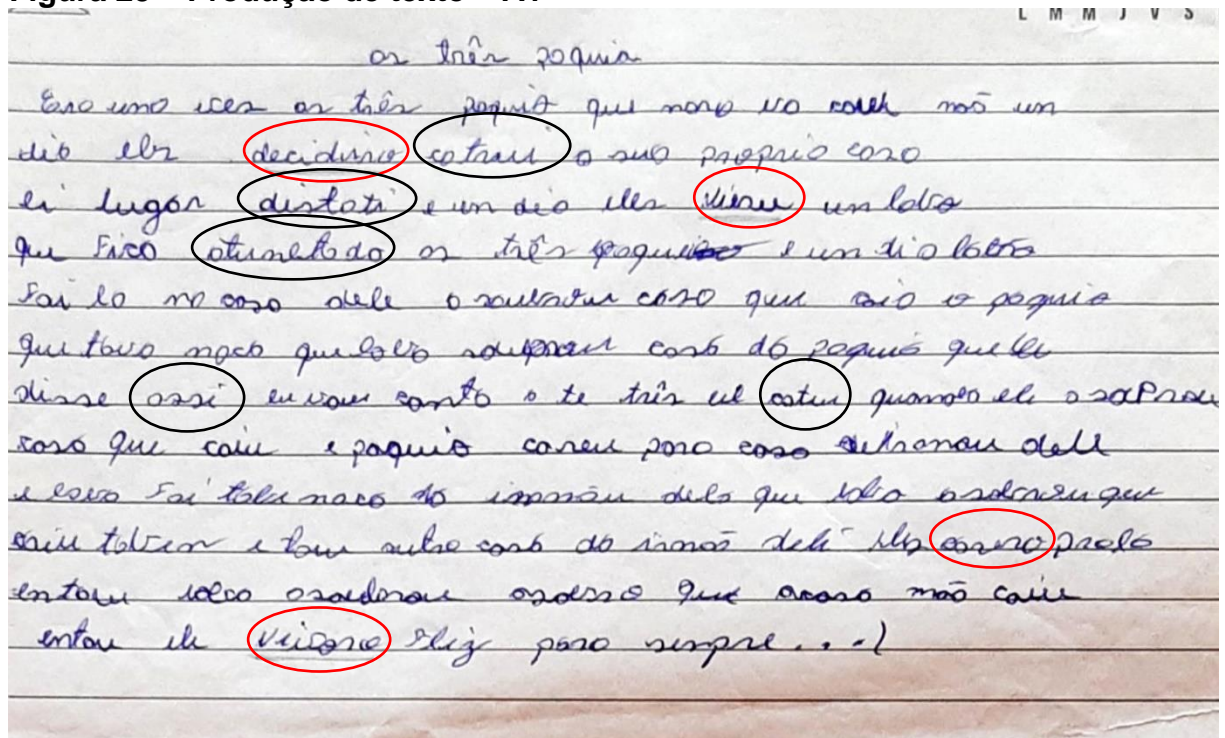
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Conforme o quadro 6, A2 foi quem apresentou o maior número de ocorrências de apagamento em posição de coda, somando um total de 13 ocorrências, porém houve aluno que cometeu apenas uma ocorrência, revelando que os apagamentos incidiram mais sobre as formas verbais em 3ª pessoa do plural.

Hora (2009, p. 43) afirma que “a Língua Portuguesa, como outras línguas do mundo, tem uma forte tendência ao apagamento da coda.” O autor destaca, ainda, que podemos encontrar com frequência o apagamento da terminação -am em verbos de 3ª pessoa do plural.

Nas produções a seguir (figura 25), podemos identificar com mais clareza esses apagamentos. As formas nominais estão circuladas de preto e as verbais, de vermelho.

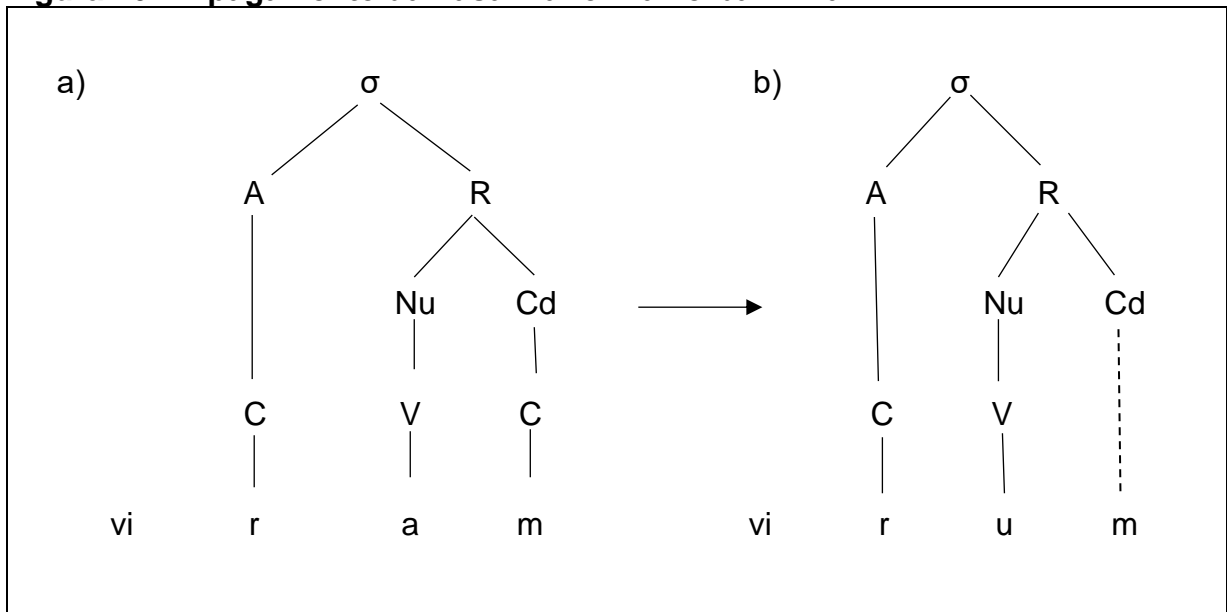
Figura 25 – Produção de texto – A1



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Na figura 25, A1 apresenta vários problemas de escrita, porém focamos na forma de registro da coda final dos verbos em 3ª pessoa do plural, observando que o aluno escreve **decidiro** para ‘decidiram’, **viro** para ‘viram’, **corero** para ‘correram’ e **vivero** para ‘viveram’. Constatamos, portanto, que ele apaga a nasal desses verbos ao mesmo tempo em que produz o alçamento da vogal baixa a, que grafa ora com a letra o, ora com a letra u, alterando, portanto, a estrutura silábica, que passa de CVC para CV, e a estrutura interna da sílaba, pois ocorre a mudança de segmentos – a é trocada por u, a exemplo do que acontece com a forma verbal “viram”, ‘viru’, conforme representada na figura 26.

Figura 26 – Apagamento da nasal na forma verbal “viram”



Fonte: Adaptado de Bisol (2013, p. 23).

Oliveira (2014) também observou esse fenômeno em sua pesquisa. De acordo com a pesquisadora, nesse caso, tem-se, além da perda da nasalidade, a alteração da qualidade da vogal (de 'a' para 'o' ou 'u'), o que, segundo ela, sob o ponto de vista fonológico, é comum no português brasileiro.

De acordo com Câmara Jr. (2015, p. 44) "a grafia com o ou u é uma mera convenção da língua escrita, pois o que se tem, na realidade, é /u/."

Observamos que o alçamento nas palavras **decidiro**, **corero**, e **vivero** se dá com a grafia da vogal o. Já a grafia vista na palavra **vieru** se dá com a vogal u.

Percebemos, ainda, que o aluno omite a nasal nas palavras **poquio**, (porquinho), **cotrui** (construiu), **distoti** (distante), **atumetado** (atormentando), **cotou** (contou) e **tabem** (também). Notamos que com a palavra 'também' se confirma a teoria de Bisol (2013), para quem existe uma tendência de preservação da nasal em coda quando esta se apresenta em uma sílaba tônica, havendo, assim, um favorecimento do apagamento quando a nasal encontra-se em sílaba átona.

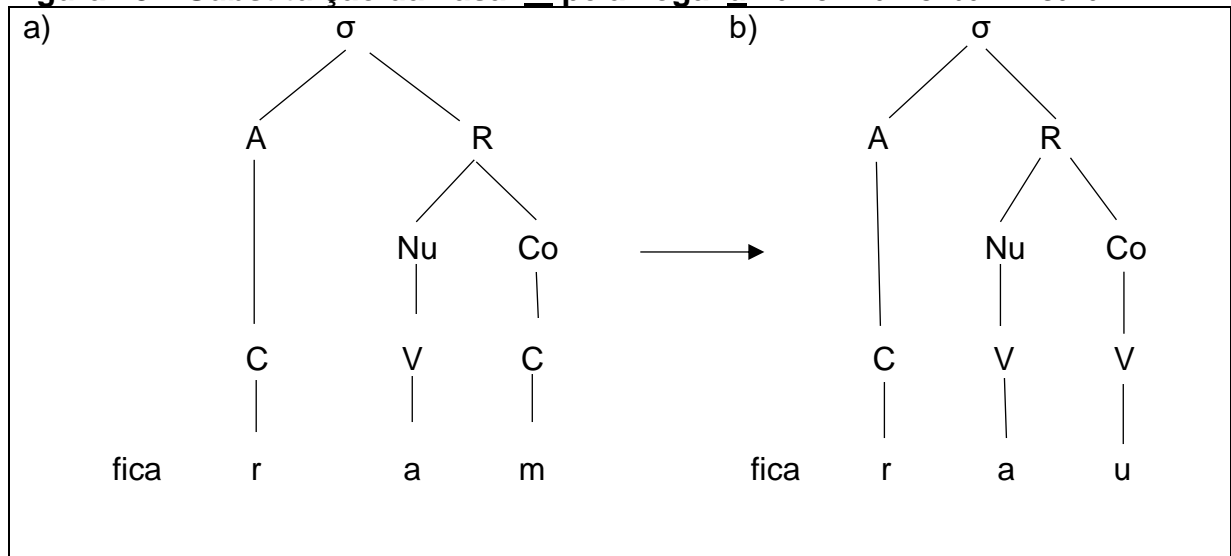
Figura 27 – Produção de texto – A2

na lãa poquia
 Era uma vez os três poquia que **mosoulo** com
 mã deli un uno di os **desidiso** novo e su próprio
 caso que els **coutrurios** un **catun** coroso di polbo a **cutise**
cutred caso de madreira, l'entre di tijolo, e un deb
 els **viro** e lobo que ~~sia~~ **tetau** pigo os três poquia
 els **corero** poro caso deli e lobo folau **corre** oloro
 polo sero au vai o sopro com todo neste caso
etau ele o sopro i desicau caso o poquia correu
 poro caso do imano deli que pidiu poro **corre** opato,
 sapitlu eli oloro intau de fix poro caso deli
 i sopro **tolben** caso do imano deli que calu **tolben**
 .etau essen or tres poquia **Ficarau** ~~todos tres~~
 so un caso intau lobo folo olori polo poquia
 u no more no **etau** vai o sopro oloro desicau
corro eli o sopro oti caso noz coue.
etau eli **vivero** fliz poro **repren** =

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Como observado na figura 27, o aluno escreve **desidiro** para 'decidiram', **coutrurios** para 'construíram', **viro** para 'viram', **correro** para 'correram', **ficarau** para 'ficaram' e **vivero** para 'viveram'. Percebemos que, nas palavras 'decidiram', 'correram' e 'ficaram', ele usou a mesma linha de raciocínio de A1, porém, para 'construíram', o aluno apresenta uma hipótese de escrita diferente, enquanto para 'ficaram', ele mantém a vogal a e substitui a nasal m pela vogal u. Assim, temos duas vogais presentes, porém o registro na nasalidade não é observado, como se nota na figura 28.

Figura 28 – Substituição da nasal m pela vogal u na forma verbal “ficaram”



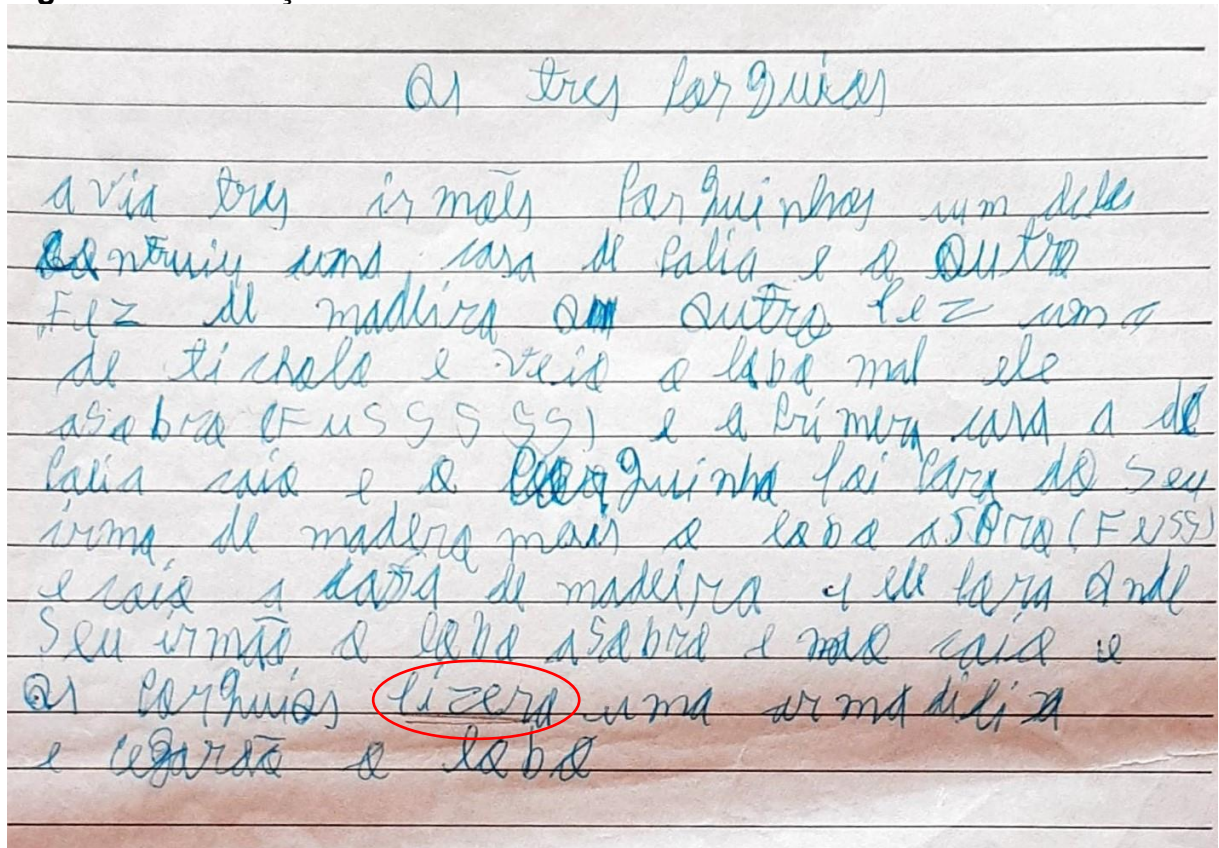
Fonte: Adaptado de Bisol (2013, p. 23).

Encontramos algo semelhante em Oliveira (2014), segundo a qual não se tratava de uma forma peculiar de se grafar a nasal m, mas sim que as palavras foram grafadas, de fato, com a letra u, como também observamos em nossa pesquisa.

Nesse mesmo texto, observamos também a escrita de **poquio** (porquinho), **tetou** (tentou), **assi** (assim), **etao** (então), **tabem** (também), **sepren** (sempre).

No caso, de **porquios**, talvez a vogal alta /i/ tenha favorecido esse apagamento, por estar em contexto de sílaba tônica, o que nesses casos é muito comum, haja vista encontrar-se num contexto favorecedor para o apagamento desse fonema, o que pode ser confirmado em Pinheiro (2009). Conforme essa pesquisadora, a vogal alta/i/ é um ambiente fonológico precedente favorecedor do apagamento da nasal palatal /ɲ/.

Figura 29 – Produção de texto – A3



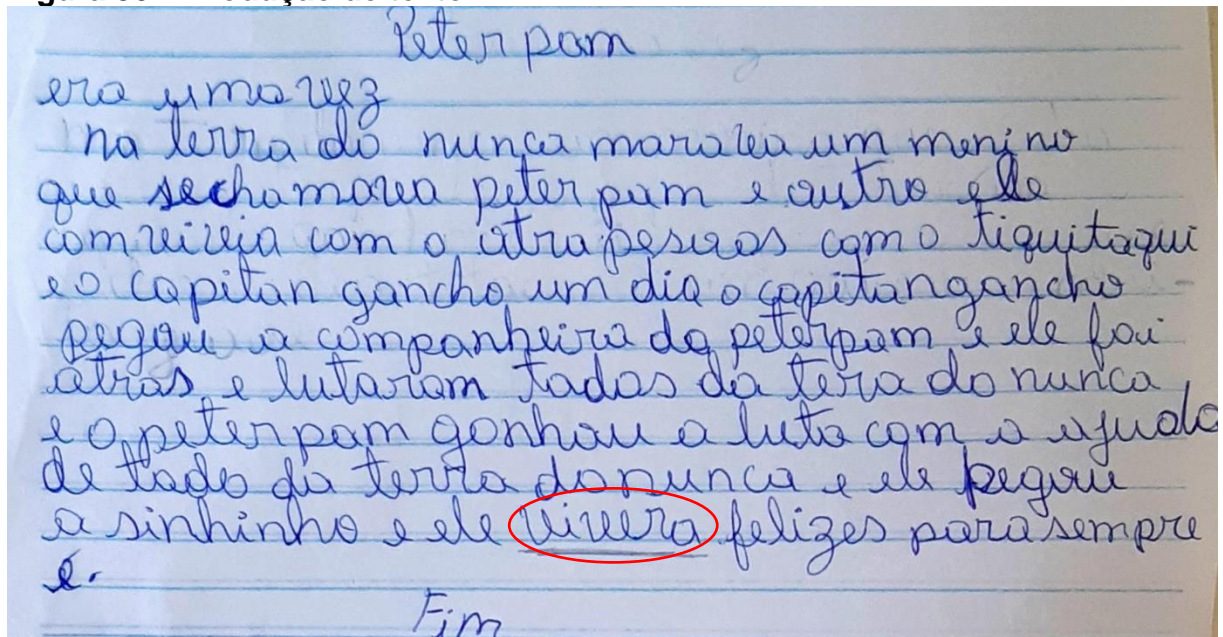
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

No texto apresentado na figura 29, o aluno escreve **fizero** para ‘fizeram’, apagando, portanto, a nasal e, em seguida, faz o alçamento da vogal, constatando-se a troca da vogal a pela vogal o. Segundo Bisol (2013), à luz da geometria dos traços, para que a nasal receba uma interpretação fonética, é necessário que esteja associada diretamente ao nó da raiz, e esta, por sua vez, a x. Caso contrário, a nasal é apagada por convenção.

Ainda de acordo com a autora, a variante com vogal não nasal emerge porque o elemento nasal, responsável pela nasalização da vogal em VN, permanece sem ponto de articulação durante todo processo lexical, permitindo o processo de assimilação somente no pós-léxico. Nesse caso, muitas vezes, a nasal não consegue mais ser reassociada, tornando-se flutuante.

Notamos, ainda, no mesmo texto a escrita de **porquios** (porquinhos) e **pegarão** (pegaram). Na primeira palavra, o aluno apaga a nasal, enquanto, na segunda, ele troca passado (pegaram) por futuro (pegarão).

Figura 30 – Produção de texto – A4



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

No texto apresentado na figura 30, o aluno escreve **vivero** para ‘viveram’, seguindo a mesma hipótese dos exemplos demonstrados anteriormente: apaga a nasal e faz o alçamento vocálico, trocando o a por o.

No que se refere à perda de N, Bisol (2013, p. 135) explica que esse apagamento pode ocorrer “quando o princípio de preservação de estrutura está desativado, isto é, no pós-léxico”. De acordo com a autora, em todos os casos de nasalidade espriada, o ditongo que surge em posição final é o resultado de uma assimilação mútua: “N nasaliza a vogal e a vogal nasalizada expande seus traços para N, criando a glide”. Esse ditongo formado no pós-léxico⁴ é considerado variável, portanto, é possível essa construção realizada por A4 e os demais alunos, entretanto cabe uma ressalva feita pela autora de que a perda de N só ocorre em sílabas átonas.

Conforme Pinheiro (2009), pesquisas relativas à língua portuguesa mostram que a sílaba tônica dificilmente sofre processos fonológicos, havendo uma tendência de preservação das variantes quando estas se encontram na sílaba tônica de uma determinada palavra.

Esse informante não apresentou nenhuma outra omissão de nasal em outras classes de palavras.

⁴ Nível no qual não mais atua a informação morfológica.

Figura 31 – Produção de texto – A5

Os três pinguins

era uma vez três pinguins que desendira cada um grão sua própria casa o pinguim mais novo fez sua casa de palha "po que era mais rapindo e sondia Brinca o dia inteiro o pinguim do meio fez sua casa de mandeira porque era mais rapindo e sondia Brinca o dia inteiro com seu irmão mais novo ja o irmão mais velho pensou difere "vou fazer minha casa de tijolo"

O irmão mais velho ficou dias e dias fazendo sua casa de tijolo mais chegou um dia que ele terminou sua casa depois desse dia chegou um lobo com muito fome a primeira casa que o lobo foi a do irmão mais novo que era de palha ele a soprou e a casa caiu o pinguim correu para a casa do irmão do meio o lobo correu para a casa do outro pinguim ele asoprou a casa também caiu ele correu para a casa do irmão mais velho o lobo asoprou mais a casa não caiu o lobo tentou mais uma vez mais não caiu então o lobo desentiu então dotas os pinguins moram na mesma casa e sim viverem feliz para sempre...

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

No texto da figura 31, o aluno escreve **desendiro** para ‘decidiram’, **correro** para ‘correram’, **moraro** para ‘moraram’ e **vivero** para ‘viveram’. Como observamos, segue a mesma hipótese dos textos anteriores, apagando a nasal e fazendo o alçamento vocálico – tira o a e coloca o o em todos os verbos com a terminação nasal.

Verificamos que, na frase “era uma vez três ponquios que desendiro”, fica clara a intenção do aluno em usar o verbo na 3ª pessoa do plural, demonstrando que ele sabe usar essa forma verbal, entretanto a dificuldade constatada é com a escrita, a grafia desse verbo. Semelhante situação pode ser notada em “ele correro”, em que, apesar de a forma verbal não estar escrita corretamente, entendemos que a frase se encontra no plural, porque o contexto denuncia isso. Já no terceiro caso, ele faz o plural apenas com o artigo os, ocorrência comum em textos escolares, sendo perceptível o apoio na oralidade, além de ser visto por alguns autores como uma redundância, como se constata na seguinte afirmação de Said Ali (1964 *apud* HORA; ESPÍNOLA, 2004): “a concordância não é, como parecerá à primeira vista, uma necessidade imperiosamente ditada pela lógica.” Nesse sentido, para o autor, a repetição, num termo determinante ou informativo, do gênero, número ou pessoa já marcados no termo determinado ou de que se fala, é antes uma redundância.

Esse fenômeno pode ser entendido da seguinte forma: se o aluno já colocou a marca de plural no artigo, não há necessidade de colocar no restante do enunciado, ressaltando-se ser possível ele ter esse entendimento, ainda que de maneira inconsciente.

No mesmo texto, constatamos mais uma vez a escrita da palavra **ponquios**, em vez de ‘porquinhos’, o que vem a corroborar o apagamento da nasal em contexto de sílaba átona, como já dissemos alhures.

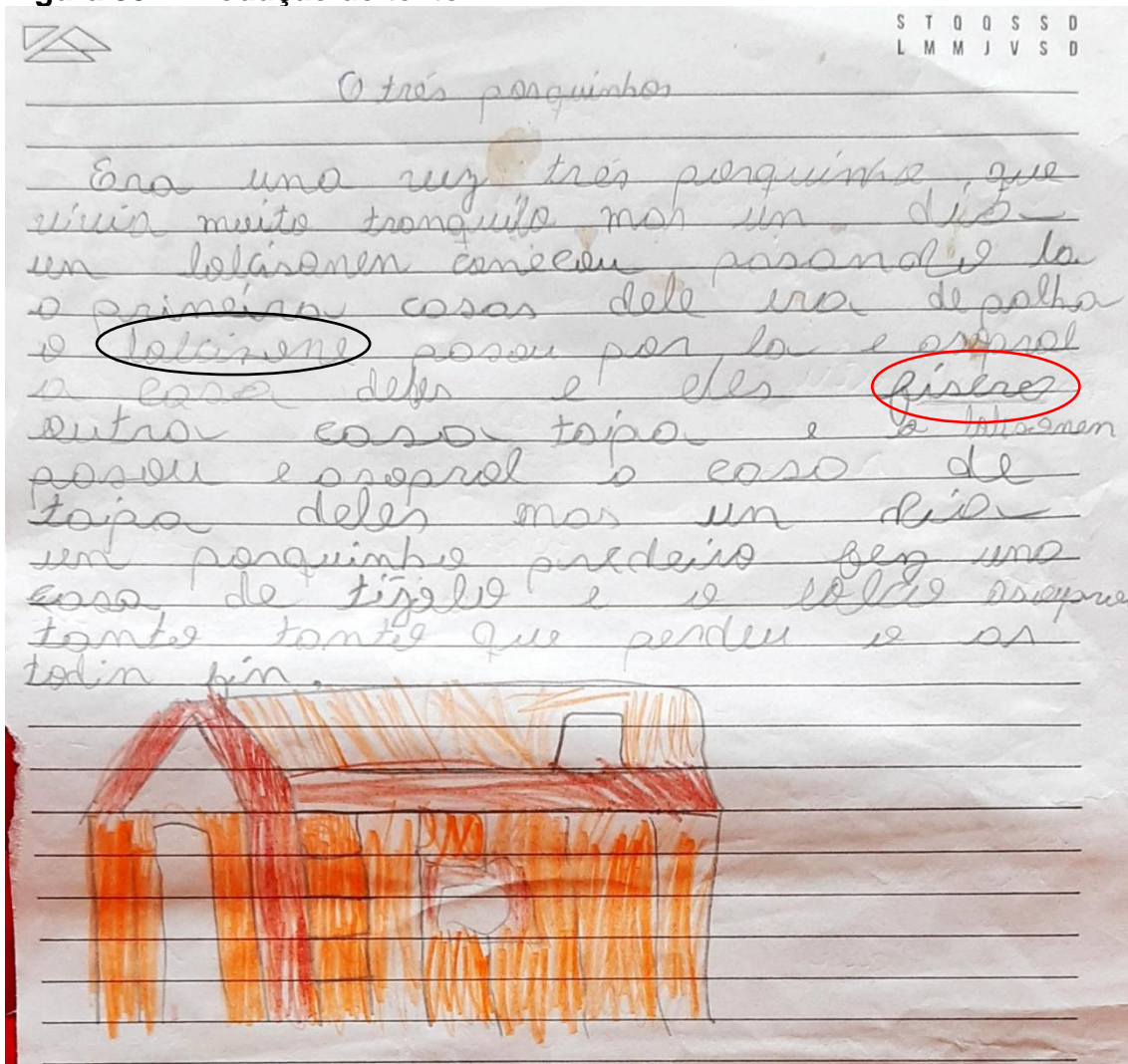
Figura 32 - Produção de texto – A6

Os Três porquinhos
 eles **foreu** en bora da casa da sua mãe e **fizereu**
u os seus casa un fes de palha e o tur fes
 de madeiras e o tur fes de tijolo e o labo
 foi na casa do primeiro porquino e
 sapou e sapou e a primeira casa caiu
 e o porquino coru para a casa do seu irmão
 e a do seu irmão caiu e **forau** para a casa
 do seu ou los irmãos e papou e papou e
 a casa não caiu e **foraru** felizes e
 fim

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

No texto da figura 32, o aluno escreve **foreu** para 'foram', **fizereu** para 'fizeram', **forau**, para 'foram' e **ficareu** para 'ficaram'. Verificamos que A6 usa estratégias diferentes dos demais alunos, pois, no primeiro e segundo casos, ele faz o alçamento de a para e e substitui a consoante nasal pela vogal u. Conforme Oliveira (2014), com relação à classe dos verbos, nota-se que o aluno, muitas vezes, utiliza-se de diferentes estratégias para registrá-lo graficamente devido a sua complexidade fonológica.

Figura 33 – Produção de texto – A7



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Na figura 33, o aluno escreve **fisero** para 'fizeram', evidenciando que, seguindo a hipótese da maioria, ele faz o alçamento da vogal de a para o e apaga a nasal.

Bisol (2013) defende a hipótese de que a nasal em posição final de vocábulo é desassociada por convenção, porque não recebe interpretação fonética, pois não possui traços articulatórios, resultando um suprasegmento nasal flutuante (N). A autora explica ainda que, quando a nasal está em posição final de vocábulo, a raiz (r), que domina N, encontra-se dessilabada, porque a nasal não possui os traços articulatórios que lhe garantiriam manifestação fonética e, conseqüentemente, torna-se flutuante, isto é, livre, mantendo-se, assim, no aguardo de reassociação. Se isso não ocorrer, será apagada.

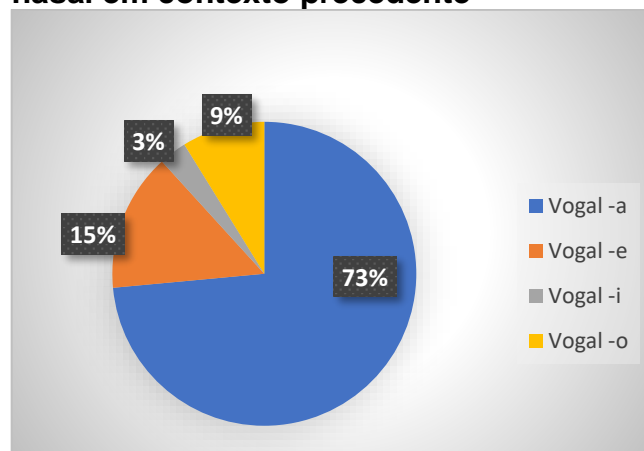
Depois de investigarmos a produtividade de apagamentos da nasal em coda na escrita de alunos do 6º ano, identificamos também os fatores que favorecem esse

apagamento. Nesse sentido, a seguir, discutimos sobre a categoria de análise contexto fonológico precedente e, na sequência, tratamos também do contexto tonicidade, conforme descrito na metodologia.

5.1.2 Apagamento da nasal e contexto fonológico precedente

No contexto fonológico precedente, verificamos o segmento que vem antes da consoante nasal, obtendo os seguintes resultados:

Gráfico 3 – Percentual de apagamento da nasal em contexto precedente



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Notamos, a partir dos dados, que o ambiente fonológico precedente favorecedor do apagamento da nasal em coda compreende a vogal -a, totalizando 73% dos casos. Das 33 palavras que apresentaram o apagamento da nasal em final de sílaba, 22 apresentam o fenômeno diante da vogal a, sendo 18 formas verbais e 3 formas nominais.

Esses dados demonstram a dificuldade que os alunos têm em grafar os verbos de forma convencional, o que nos permite inferir que os conhecimentos morfológicos sobre flexão verbal ainda não estão bem definidos nessa fase. Leal (2018) também identificou esses fatos em sua pesquisa, afirmando que os alunos têm uma percepção de coda nasal, porém a preenchem de forma não convencional ou apagam.

No processo de apagamento, há a perda da consoante nasal e, conseqüentemente, a mudança de padrão silábico de CVC para CV. De acordo com Mezzomo (2004), do ponto de vista fonológico, há um domínio tardio de certos tipos silábicos, como é o caso da sílaba travada.⁵ Segundo essa autora, a sílaba CVC

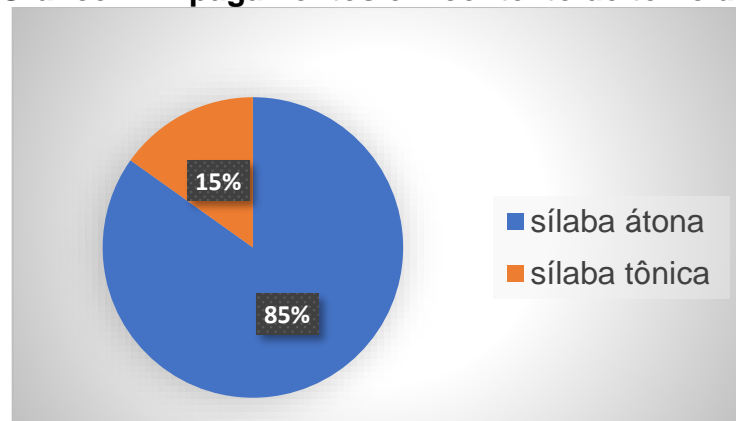
⁵ Aquela que apresenta consoante em posição de coda.

representa uma das últimas estruturas a serem adquiridas, na fala. Talvez, isso justifique a dificuldade dos alunos em grafar corretamente palavras que contém essa estrutura.

5.1.3 Apagamento da nasal e a tonicidade

Verificamos se o apagamento da nasal em final de sílaba tem maior produtividade em sílabas átonas ou tônicas, obtendo os seguintes resultados.

Gráfico 4 - Apagamentos em contexto de tonicidade



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Conforme demonstrado no gráfico 4, a nasal em posição de coda em sílaba átona é um ambiente fonológico favorecedor do apagamento da nasal, pois os casos em que houve maior incidência de apagamento foram aqueles em que a nasal aparece em sílaba átona, enquanto as palavras em que a nasal aparece em sílaba tônica permaneceram com a nasal. Vimos que 85% dos apagamentos ocorreram em sílaba átona e somente 15% em sílaba tônica. Assim, constatamos que, quando a nasal se apresenta em sílaba tônica, há um favorecimento da sua permanência, como, por exemplo, na palavra blun/ também, na qual o aluno apaga a nasal medial, porém não apaga a nasal final, que está inserida em uma sílaba tônica.

Hora (2009, p. 43), apoiando-se na teoria de Bisol (2013), informa que “o condicionamento ao acento é um dos determinantes para o apagamento ou não da nasal”. O pesquisador acrescenta que, quando a nasal é anterior e média e se apresenta na posição pós-tônica, há uma tendência ao seu apagamento.

Em nossos dados verificamos, também, que das palavras em que ocorre o apagamento em sílaba átona, 75% são verbos na terceira pessoa do plural, os quais possuem a terminação -am, e que, ao apagar a nasal, o aluno faz uma troca da vogal

a pelas vogais o ou u. Nesse caso, ocorrem dois processos mútuos: apagamento da consoante e elevação da vogal baixa (HORA, 2009).

A elevação da vogal consiste em um fenômeno denominado de alçamento vocálico, processo em que há a substituição de uma vogal por outra mais alta, como demonstrado no quadro 7.

Quadro 7 – Verbos com apagamento da nasal final

ESCRITA PADRÃO	PALAVRAS COM APAGAMENTO DA NASAL
fizeram	fizero
viveram	vivero
decidiram	decidiro
correram	correro
viram	viru
moraram	moraro

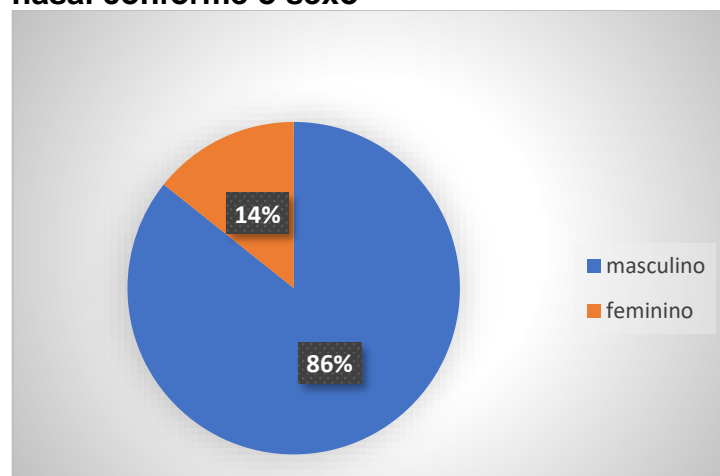
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Como demonstram os exemplos constantes no quadro 7, os alunos fazem a supressão do segmento nasal presente no vocábulo e grafam as palavras com a vogal 'o' em detrimento da vogal 'a' seguida da consoante nasal.

5.1.4 Apagamento da nasal e a variável sexo

Nessa variável, podemos verificar o comportamento da nasal na escrita de meninos e meninas com relação ao apagamento em coda final.

Gráfico 5 – Percentual de alunos que apagaram a nasal conforme o sexo



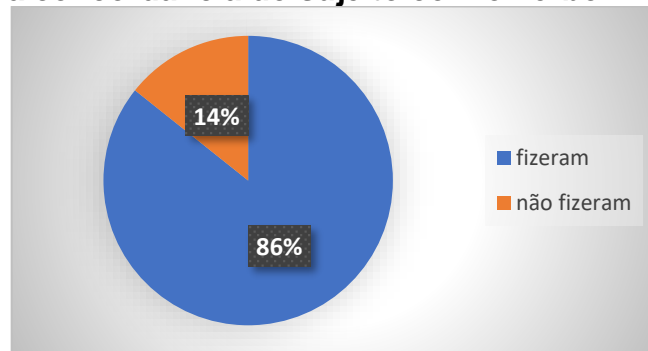
Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Observamos que, entre os textos em que ocorreu o fenômeno de apagamento da nasal, 6 são de alunos do sexo masculino e 1, do sexo feminino, o que, de certa maneira, corrobora os dados da pesquisa de Guy (1981 *apud* BATTISTI, 2002), o qual constatou que os homens desnasalizam mais que as mulheres.

5.1.5 Apagamento da nasal: um destaque para a concordância verbal

Embora não seja esse o foco da nossa pesquisa, resolvemos dar um destaque a essa questão, por entendermos que o apagamento acaba interferindo na concordância, como se demonstra no gráfico 6, com o percentual de alunos que fizeram a concordância do sujeito com o verbo.

Gráfico 6 – Percentual de alunos que fizeram a concordância do sujeito com o verbo



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Nas produções textuais analisadas constatamos que, na maioria dos casos, o aluno usa o pronome na 3ª pessoa do plural, o que nos possibilita inferir que está atento à ideia de número, uma vez que, das 21 ocorrências, apenas em 3 delas o aluno deixa de fazer a concordância do sujeito com o verbo. Isso evidencia a intenção do aluno em grafar as formas verbais de acordo com os preceitos da gramática tradicional, porém por motivos fonológicos, acaba omitindo a nasal, que é, do ponto de vista morfológico, uma marca de plural.

De acordo com Pedrosa (2016), para muitos autores, o apagamento da nasal nas formas finais do verbo ocasiona uma ausência de concordância verbal, visto que a forma plural nasalizada desaparece. Constatamos, porém, que, apesar de o verbo estar escrito em desacordo com a norma padrão da língua portuguesa e haver de certa forma a ausência de concordância, o texto não se torna incompreensível. Pelo contrário, entendemos muito bem o que o aluno está querendo dizer.

Melo (1951 *apud* HORA; ESPÍNOLA, 2004) acredita que a ausência de concordância não interfere na clareza e na inteligibilidade da frase e que esse processo não passa de um reflexo da lei do menor esforço e da busca pela simplificação. Para demonstrar esse fato com mais clareza, analisamos algumas produções textuais, como segue.

Produção de texto 1

Nesta produção, constatamos que, na oração “... os três poquio que morava...”; a palavra *poquio* fica no singular, porém o aluno faz a concordância do verbo com o artigo e o numeral, deixando claro para o leitor que sua intenção era escrever o verbo na forma plural, que seria *moravam*. Nas orações “...eles desidiro mora e su própria casa que eles coutruios ...”; “... eles viro o lobo...” e “... eles corero para casa deles...”, o aluno coloca o pronome *eles* no plural fazendo, nesse caso, a concordância do verbo com o sujeito.

Na oração “... os três poquio ficarau..”, o aluno utiliza o mesmo recurso da primeira oração, deixando a palavra *poquio* no singular e fazendo a concordância do verbo com o artigo e o numeral. Já na oração “...ele vivero fliz para sepren.”, o aluno demonstra a intenção de usar o verbo no plural. Embora apagando a nasal, e tanto o sujeito quanto a palavra que vem logo após o verbo, se encontre no singular, podemos deduzir que a intenção do aluno era escrever o verbo no plural, pois, se assim não fosse, ele teria escrito *viveu* em vez de *vivero*.

Baseado em Guy (1981), Hora & Espínola (2004) afirmam que o marcador de plural na 3ª pessoa é determinado pela nasalização da sílaba final. Como exemplo, o autor cita que a mudança na concordância verbal se dá pelo apagamento da nasal final em verbos de 3ª pessoa do plural, esses autores apontam que palavras terminadas em –em podem aparecer como [i] em: falem [fale y] ou [fali]; e palavras que terminam em –am podem ser realizadas como [u] como em mataram que pode tanto aparecer com a forma [matarãw] ou [mataru].

Produção de texto 2

Na oração “era uma vez três ponquios que desendiro...” o aluno faz a concordância do verbo com o sujeito *três ponquios*, o que deixa clara a sua intenção de escrever o verbo no plural, Na oração “...ele corero para a casa do irmão mais velho..”, o fato de o aluno ter deixado o pronome no singular e não haver nenhum

outro termo na oração que esteja no plural fazem com que o leitor necessite de um esforço maior para identificar se quem correu foi um ou mais de um personagem. Desse modo, ensejam-se dúvidas em relação ao sujeito ou aos sujeitos da oração, ficando, assim, prejudicada a compreensão do texto.

Em “...os ponquio moraro na mesma casa e a sim vivero feliz para sempre.”, percebemos, na primeira oração que, na expressão *os ponquio*, o aluno faz o plural apenas do artigo, estabelecendo a concordância do verbo com o sujeito, embora apague a marca do plural. Na segunda oração, ele utiliza a forma *vivero*, concordando também com o sujeito *os ponquio*.

Produção de texto 3

Nas orações “...eles foreu en bora da casa da sua mãe e fizereu as sua casa...” entendemos que o aluno faz a concordância dos verbos *foram* e *fizeram* com o pronome *eles*, mesmo que as formas utilizadas para grafar os verbos sejam menos comuns do que costumamos nos deparar quando se trata de desvio da norma padrão. Compreendemos que o aluno quis escrever ‘foram’ e ‘fizeram’, pois está muito claro que o pronome *eles* está se referindo ao título do texto, que é “Os ters porquinhos”, que está todo no plural.

Nas orações “...e o porquio coreupacaza so seu irmão e a do seu irmão caiu e forau par caza do seu ou tor irmão e sopou e a casa caiu e ficareu felizes...”, o aluno faz a concordância dos verbos ‘foram’ e ‘ficaram’ com o termo, subentendido, irmãos, pois, quando o aluno diz que o porquinho correu para a casa do seu irmão e a do seu irmão caiu, entendemos que os dois irmãos correram para a casa do terceiro porquinho, portanto o verbo “ficaram” está concordando também com o termo “irmãos” que se encontra subentendido, e com a palavra *felizes*.

Apesar de o trecho ter ficado um pouco confuso, é visível a intenção do aluno de usar os verbos no plural, mas os grafa de forma errada. Concluímos, então, que o aluno utiliza o pronome *eles* na 3ª pessoa do plural para o primeiro e segundo caso e, no terceiro, dá a entender que os irmãos foram. Já no último caso, o aluno usa a expressão *felizes*, dando a entender que os irmãos ficaram felizes.

5.2 Proposta de intervenção

Entendemos que a escola tem o papel fundamental de propiciar ao educando a aprendizagem de habilidades que o levem a progredir nos estudos e a adquirir novos

conhecimentos durante toda a sua vida escolar. No entanto, percebemos, através desta pesquisa, que os alunos têm chegado ao Ensino Fundamental maior sem certos conhecimentos linguísticos que já deveriam ter adquirido nesse nível de ensino. Compreendemos diversos fatores podem estar na gênese do problema, inclusive a falta de atividades adequadas que tenham como objetivo minimizar as dificuldades de escrita apresentadas pelos alunos.

Nesse sentido, com base no exposto e nos resultados encontrados nesta pesquisa, elaboramos uma proposta de intervenção cujo objetivo é reduzir os casos de apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural.

Optamos por desenvolver um quiz, intitulado Palavras terminadas em am, composto por 14 questões, utilizando uma plataforma de aprendizado baseada em jogos. Esta plataforma é usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino, seus jogos de aprendizado, “Kahoots” são testes de múltipla escolha podem ser acessados por meio de um navegador da Web ou do aplicativo Kahoot.

O jogo está disponível para o público de forma gratuita, para ter acesso basta acessar <https://kahoot.com/> , inscrever-se e criar uma conta, ou baixar o aplicativo Kahoot, no celular.

Segue aqui, a proposta, na versão para professor, a qual poderá ser impressa e trabalhada em sala de aula.

5.2.1 Apresentação da sequência didática

Esta sequência didática tem como objetivo principal auxiliar o trabalho do professor de Língua Portuguesa. Desse modo, pode ser ampliada e desenvolvida de acordo com as peculiaridades de cada turma.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

ATIVIDADE 1

Descrição: A atividade 1 é composta por 3 questões baseadas em um trecho da história “João e Maria”. Com essa atividade, visa-se oportunizar ao aluno uma reflexão sobre a ideia de tempo e pessoa verbais.

Objetivo: Reconhecer a nasal como desinência modo temporal e identificá-la como uma marca de plural.

- Leia o trecho da historinha de *João e Maria* e, em seguida, escolha a resposta certa para cada pergunta.

“Eles **entraram** na floresta densa. No caminho, João dava alguns passos, parava e jogava uma pedrinha atrás dele, sem falar nada para ninguém. Depois de um tempo, eles todos **pararam**”.

1) Nas orações “Eles entraram na floresta densa” e “Depois de um tempo, eles todos pararam”, os verbos sublinhados indicam uma ação que já foi realizada ou que ainda vai acontecer?

a)

UMA AÇÃO QUE JÁ FOI REALIZADA

b)

UMA AÇÃO QUE AINDA VAI ACONTECER

2) Os verbos destacados indicam uma ação realizada por uma ou por mais de uma pessoa?

a)

AÇÃO REALIZADA POR UMA PESSOA

b)

AÇÃO REALIZADA POR MAIS DE UMA PESSOA

3) Se só o Joãozinho tivesse entrado na floresta, como ficaria a primeira frase?

a)

ELES ENTRARAM NA FLORESTA DENSA

b)

ELE ENTROU NA FLORESTA DENSA

ATIVIDADE 2

Descrição: A atividade é organizada a partir da história *Os três porquinhos*. É composta pelas questões 4 e 5, visando dar estímulo ortográfico. Nesta atividade, o aluno escolherá, dentre as opções de palavras, a mais adequada para preencher as lacunas do texto. Serve como referência para que o aluno identifique a qual palavra o verbo correram está se referindo.

Objetivo: Desenvolver a autonomia dos alunos diante da identificação de escritas padrão e não-padrão.

4) Escolha as palavras adequadas no quadro abaixo e preencha os espaços vazios da história *Os três porquinhos*.

saíram – saíro; Seguiram – Seguio; foram – foru; ficaram - ficaro

Os três porquinhos

Era uma vez, três porquinhos que _____ da casa de sua mãe. Cada um construiria a sua própria casa. _____ caminhos diferentes.

O primeiro porquinho construiu a sua casa com palha. Logo ficou pronta e ele foi dormir. Chegou um lobo que queria comer o porquinho e disse: “Abra a porta ou derrubarei esta casa com um sopro só!”

O porquinho não abriu. O lobo soprou e derrubou a casa. O porquinho fugiu.

O segundo porquinho fez a sua casa com galhos de árvore. Logo ficou pronta e ele foi dormir. Outra vez veio o lobo.

“Porquinho, abra a porta ou vou assoprar e derrubar tudo.” O porquinho não abriu, o lobo assoprou e derrubou a casa. Mas o porquinho fugiu e se escondeu, e o lobo queria saber.

“Onde se meteu este porquinho?”

O terceiro porquinho construiu a sua casa com tijolos. Para lá, _____ os seus irmãos e o lobo também. Mas, desta vez, o lobo soprou até cansar e não derrubou a casa.

O lobo resolveu descer pela chaminé, mas a lareira estava acesa e ele saiu pegando fogo. O lobo foi embora e os três porquinhos _____ muito felizes, morando na casinha de tijolos.

A sequência de palavras corretas é a seguinte:

- a) saíro - Seguiram- foru- ficaram
- b) saíram- Seguiro- foram- ficaram- ficaro
- c) saíram- Seguiram- foram- ficaram

5) No trecho “O terceiro porquinho construiu a sua casa com tijolos. Para lá correram os seus irmãos e o lobo também”.

A que expressão se refere a palavra correram?

a)

O terceiro porquinho

b)

Os seus irmãos e o lobo também

ATIVIDADE 3

Descrição: A atividade 3 é composta pelas questões 6, 7, 8 e 9, organizadas a partir dos textos *A festa no céu*, *Assembleia dos ratos* e do poema *Canção*, uma adaptação de Cecília Meireles.

Objetivo: Entrar em contato com a forma correta de grafar as palavras terminadas em -am e reconhecer a nasal como um elemento comum nessa sílaba.

Leia o texto *Festa no Céu* e preencha as lacunas com as palavras selecionadas, no quadro abaixo.

Foram - ficaram - Conversaram - divertiram - ficaram

FESTA NO CÉU

Entre os bichos da floresta, espalhou-se a notícia de que haveria uma festa no Céu.

Porém, só _____ convidados os animais que voam. As aves _____ animadíssimas com a notícia, começaram a falar da festa por todos

os cantos da floresta. Aproveitavam para provocar inveja nos outros animais, que não podiam voar.

Imaginem quem foi dizer que ia também à festa... O sapo!

Logo ele, pesadão, não aguentava nem correr, quem diria voar até a tal festa!

Durante muitos dias, o pobre sapinho virou motivo de gozação de toda a floresta. Depois de muito pensar, o sapo formulou um plano. Horas antes da festa, procurou o urubu. _____ muito e se _____ com as piadas que o sapo contava.

Já quase de noite, o sapo se despediu do amigo:

– Bom, meu caro urubu, vou indo, afinal, mais tarde preciso estar bem disposto e animado para curtir a festa.

– Você vai mesmo?

– Se vou? Até lá, sem falta!

Porém, em vez de sair, o sapo deu uma volta, pulou a janela da casa do urubu e, vendo a viola dele em cima da cama, resolveu esconder-se dentro dela.

Chegada a hora da festa, o urubu pegou a sua viola, amarrou-a em seu pescoço e voou em direção ao céu, prru-rru...

Ao chegar ao céu, o urubu deixou sua viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo aproveitou para espiar e, vendo que estava sozinho, deu um pulo e saltou da viola, todo contente.

As aves _____ muito surpresas ao verem o sapo dançando e pulando no céu. Todos queriam saber como ele havia chegado lá, mas o sapo, esquivando-se, mudava de conversa e ia se divertir.

Estava quase amanhecendo, quando o sapo resolveu que era hora de se preparar para a “carona” com o urubu. Saiu sem que ninguém percebesse e entrou na viola do urubu, que estava encostada num cantinho do salão. O urubu pegou a sua viola e voou em direção à floresta, rru-rru-rru.

Voava tranquilo, quando no meio do caminho sentiu algo se mexer dentro da viola. Espiou dentro do instrumento e avistou o sapo dormindo, todo encolhido, parecia uma bola.

– Ah! Que sapo folgado! Foi assim que você foi à festa no Céu? Sem pedir, sem avisar e ainda me fez de bobo!

E, lá do alto, ele virou sua viola até que o sapo despencou direto para o chão. A queda foi impressionante.

O sapo caiu em cima das pedras do leito de um rio, e mais impressionante ainda foi que ele não morreu.

Mas nas suas costas ficou a marca da queda: uma porção de remendos!

É por isso que os sapos possuem uns desenhos estranhos nas costas...

6) Marque a única alternativa que não está correta quanto às palavras que você usou para preencher as lacunas do texto.

- a) todas são verbos
- b) todas estão no plural
- c) todas estão no singular
- d) todas terminam com a letra m

7) Leia a oração “O sapo caiu em cima das pedras do leito de um rio.” Se fosse mais de um sapo, qual seria a escrita correta do verbo cair.

a)

caíro

b)

cairum

c)

caíram

8) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto a seguir, observando a correta grafia das palavras.

A assembleia dos ratos

Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria numa casa velha que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, _____ reunir-se em assembleia para o estudo da questão. _____ para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos miados pelo telhado, fazendo sonetos à lua.

— Acho – disse um deles – que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia e pomonos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos _____ a luminosa ideia. O projeto foi aprovado com delírio. Só votou contra um rato casmurro, que pediu a palavra e disse:

— Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro Fino?

Silêncio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembleia dissolveu-se no meio de geral consternação.

Dizer é fácil - fazer é que são elas!

(LOBATO, Monteiro. in Livro das Virtudes – William J. Bennett – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 308.)

- a) resolveram - aguardaram – saudaram
- b) resolvero- aguardaram- saudaram
- c) resolveram- aguardaru- saudaram
- d) resolveram-aguardaram-saudaro

Leia o seguinte poema:

CANÇÃO

No desequilíbrio dos mares,
as proas giram sozinhas...
Numa das naves que **afundaro**
é que certamente tu vinhas.
Eu te esperei todos os séculos
sem desespero e sem desgosto,
e morri de infinitas mortes
guardando sempre o mesmo rosto
Quando as ondas te **carregaru**
meus olhos, entre águas e areias,
cegaru como os das estátuas,
a tudo quanto existe alheias.
Minhas mãos **pararo** sobre o ar
e **endurecero** junto ao vento,

e **perderu** a cor que tinham
e a lembrança do movimento.
E o sorriso que eu te levava
desprende-se e caiu de mim:
e só talvez ele ainda viva
dentro destas águas sem fim.
(Adaptado de Cecília Meirelles)

9) As formas verbais destacadas no poema estão escritas em desacordo com a norma padrão da língua portuguesa. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas corretamente.

- a) afundaram- carregarão- cegaro- pararam- endureceram- perderam
- b) afundaro- carregaram- cegaram- pararo- endureceru- perderam
- c) afundaram- carregaram- cegaram- pararam- endureceram- perderam
- d) afundaru- carregaro- cegaram- pararam- endureceram- perderam

ATIVIDADE 4

Descrição: A atividade 4 é composta pelas questões 10, 11, 12, 13 e 14. Apresenta-se organizada a partir de uma história em quadrinho da *Turma da Mônica* e do poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade.

Objetivo: Relacionar a terminação -am com a ideia de plural e tempo passado.

Leia a história em quadrinhos



Leia novamente o quadrinho 2 e responda o que se pede.

10) Quantos grãozinhos a tia de Magali observou que sobraram no fundo da tigela?

- a) Um grãozinho
- b) Dois grãozinhos
- c) Três grãozinhos

11) O verbo sobram está concordando com qual expressão?

- a) Estou vendo
- b) Três grãozinhos
- c) Tigela

12) Agora, imagine que Magali deixou sobrar um grãozinho no fundo da panela. Como ficaria a reescrita do segundo balão do quadrinho 2?

- a) Estou vendo! Até sobrou um grãozinho no fundo da panela.
- b) Estou vendo! Até sobraram um grãozinho no fundo da panela.
- c) Estou vendo! Até sobro um grãozinho no fundo da panela.

13) Se, em vez de sobraram, estivesse escrito sobrarão, estaria correto?

- a) sim
- b) não

14) Leia a primeira estrofe do poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade.

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Se nos versos 3, 4 e 5, estivesse escrito as luzes, os povos, as noites, quais palavras completariam adequadamente o restante desses versos?

- a) apagar- sumirão- esfriar
- b) apagaram- sumir- esfriarão
- c) apagaram- sumiram- esfriaram
- d) apagar- sumiram- esfriaram

6 CONCLUSÃO

Neste estudo, analisou-se o processo fonológico de apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, para, a partir das descrições e análise dos dados encontrados, apresentar uma proposta de intervenção que minimize esse problema.

Os resultados obtidos por meio de uma análise qualiquantitativa nos possibilitaram verificar que o apagamento da nasal em final de verbos pretéritos, constitui-se como um fenômeno presente na escrita destes alunos. Também foram identificados fatores linguísticos que motivam a ocorrência do apagamento da nasal, demonstrando que um deles é que o aluno não reconhece a nasal como marca de plural. Dessa maneira, utiliza-se de diferentes estratégias para preencher a coda silábica, porém acaba omitindo a nasal.

A pesquisa nos possibilitou identificar também que o contexto fonológico precedente favorecedor do apagamento da nasal é a vogal a, então podemos afirmar que, quando a nasal está diante dessa vogal, há uma forte tendência ao seu apagamento. Outro fator favorecedor encontrado foi a atonicidade. No tocante a esse quesito, identificamos que, quando a nasal se encontra em uma sílaba átona, geralmente ocorre o fenômeno do apagamento.

Um dado que nos chamou atenção foi o fato de que a maioria dos alunos que apagaram a nasal são do sexo masculino.

Nesta pesquisa foi possível inferir que a maioria dos alunos têm uma noção do plural, tentando fazer a concordância do verbo com o sujeito, porém, por não terem ainda um conhecimento consolidado sobre concordância verbal e sobre a nasal como marca de plural, acabam escrevendo os verbos em desacordo com o padrão gráfico do português brasileiro.

Com base nos resultados encontrados e nas explicações apresentadas, criamos uma atividade como sugestão, com vistas a minimizar a produtividade dos erros de apagamento da nasal em sílaba final de verbos no pretérito. Entendemos que essa proposta está de acordo com as novas perspectivas de ensino de ortografia, em que há a necessidade de uma reflexão sistemática sobre as características da escrita ortográfica. Composta por 14 questões em forma de *quis*, proposta de atividade será disponibilizada nas mídias digitais e também digitalizada para que possa ser impressa e trabalhada em sala de aula.

Assim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula, sobretudo no que diz respeito ao ensino de ortografia de formas verbais, tais como a que se constituiu como objeto de nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SANDALO, Filomena. Harmonia vocálica e modelos de representação de segmentos. *In*: LEE, Seung Hwa (org.). **Vogais além de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. p. 17-41.
- ALVES, Ubiratã Kickhofel. Teoria da sílaba. *In*: MATZENAUER; Carmen Lúcia; HORA, Demerval da (org.). **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017. p. 125-140.
- BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. *In*: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2002. p. 183-202.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Brasília, 2017.
- BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. **Delta**, São Paulo, v. 14, Edição especial, p. 24-46, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43390>. Acesso em: 2 fev. 2020.
- BISOL, Leda. Fonologia da nasalização. *In*: ABAURRE, M. B. M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013. v. VII. p. 113-140.
- BISOL, Leda A. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. **Delta**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 185-205, 2015.
- BROD, Lílian Elisa Minikel. **O comportamento variável da lateral em coda no falar de rendeiras em Florianópolis**. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras. 2002.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 47. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- CAMPOS, Priscila Barbosa Borduqui. **Grafias não convencionais da coda nasal em dados de escrita de jovens e adultos em processo de alfabetização**. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. *In*: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. rev. e amp. Porto Alegre: ESIPUCRS, 2005. v. 1. p. 101 -133.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projeto de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HORA, Demerval da; ESPÍNOLA, Sandra. O paralelismo linguístico e sua atuação no processo variável da concordância verbo-sujeito. **Revista da ABRALIN**. Brasília: Abralín, v. 3, n. 1/2, p. 217-41, 2004.

HORA, Demerval da O. **Fonética e fonologia**, 2009. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonetica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em: 30 maio 2019.

LEAL, Vilma Oliveira Sampaio. **O apagamento da nasal em posição de coda silábica na escrita de alunos do 3º ano do ensino fundamental**. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. *In*: BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. rev. e amp. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, v. 1. p. 11-100.

MENDONÇA, Clara Simone Ignácio de. A sílaba em fonologia. **Working Papers em Linguística**, UFSC, v. 7, n.1, p. 21-40, 2003.

MENDONÇA, Clara Simone Ignácio de. **A nasalidade distintiva no início da aquisição da língua escrita**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa. Sobre a aquisição da coda. *In*: LAMPRECHT, R. (org.). **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 129-192.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

MORAES, João Antônio; WETZELS, W. Leo. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 23, p. 153-66, jul./dez. 1992.

OLIVEIRA, Natália Lectzow de. **O ditongo Nasal em dados de escrita inicial**. 2014. 90 f. Dissertação (Mestrado Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Processos fonológicos na aquisição da linguagem da criança. **ReVEL**, v. 3, n. 5, p. 1-13, 2005.

PEDROSA, Larissa Moraes. **O status da nasal palatal [ɲ] em João Pessoa.** 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

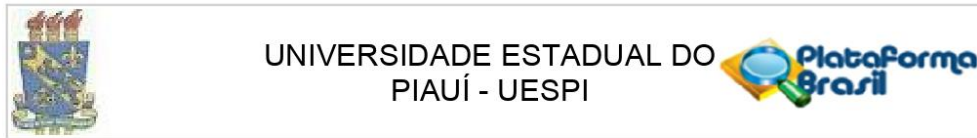
PINHEIRO, Neffer Luiza de Aguiar. **O processo de variação da lateral em Belo Horizonte.** 2009. Dissertação (Mestrado Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PONTES, Lucas de Almeida. **O espriamento da nasalização do português do Brasil.** 2014. 80 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

SILVA, Thaís Cristófar: **Fonética e Fonologia do Português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita:** fonologia em nove chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O APAGAMENTO DA NASAL EM VERBOS NA 3ª PESSOA DO PLURAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO: um estudo à luz da teoria da sílaba

Pesquisador: RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33854920.0.0000.5209

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.311.985

Apresentação do Projeto:

pesquisa de campo de cunho quali-quantitativo a ser realizada numa turma de 6º ano do

Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Timon-MA, no decorrer deste ano de 2020. A turma é constituída por 38 alunos do sexo masculino e feminino, de faixa etária compreendida entre 11 e 14 anos. Os dados serão coletados a partir de produções espontâneas dos alunos. O instrumento de coleta constará de cinco propostas de produção textual. A abordagem dos sujeitos será, primeiramente, por meio da apresentação do termo de Assentimento e, em seguida por meio da aplicação das propostas de produções textuais.

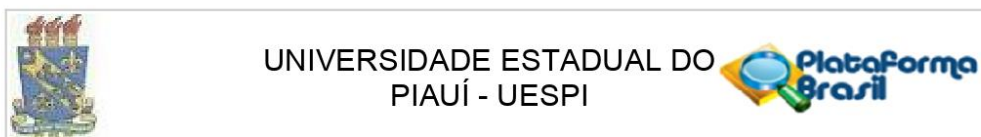
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar os fatores que contribuem para o apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

Objetivo Secundário:

Identificar a ocorrência do apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do

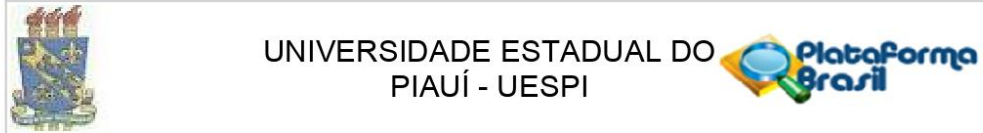


Continuação do Parecer: 4.311.985

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Assim como em toda investigação que envolve seres humanos, os sujeitos que participarão desta pesquisa estarão suscetíveis a sofrer algum tipo de risco. Como possíveis riscos, há a possibilidade de constrangimento, incomodo ou desconforto. Porém, para evitar tais transtornos, os sujeitos serão mantidos em anonimato, a coleta de dados será feita exclusivamente pela pesquisadora, que estará a disposição durante toda a aplicação dos instrumentos para possíveis esclarecimentos, as atividades serão planejadas e aplicadas sem ferir a rotina da escola, respeitando o plano de curso e os horários das aulas. A pesquisadora estará presente durante toda a aplicação do instrumento e, caso perceba, qualquer risco, interromperá, imediatamente, a pesquisa.



Continuação do Parecer: 4.311.985

complementares que regulamenta as Diretrizes Éticas para Pesquisas que Envolvam Seres Humanos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com a análise, conforme a Resolução CNS/MS N°466/12 e seus complementares, o presente projeto de pesquisa apresenta o parecer APROVADO por se apresentar dentro das normas de eticidade vigentes. Apresentar/Enviar o RELATÓRIO FINAL após o encerramento do cronograma previsto para a execução do projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1541249.pdf	18/06/2020 23:11:16		Aceito
Brochura Pesquisa	brochura.docx	18/06/2020 23:10:23	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	18/06/2020 23:10:09	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	18/06/2020 23:08:34	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPAIS.docx	18/06/2020 23:08:24	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoinstitutional.pdf	18/06/2020 23:08:13	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Outros	instrumentodecoletadedados.docx	18/06/2020 15:15:05	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	18/06/2020 15:14:06	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	18/06/2020 15:13:49	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Outros	cartadeencaminhamentoa.pdf	18/06/2020	RAIMUNDA HILSA	Aceito

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335

Bairro: Centro/Sul

CEP: 64.001-280

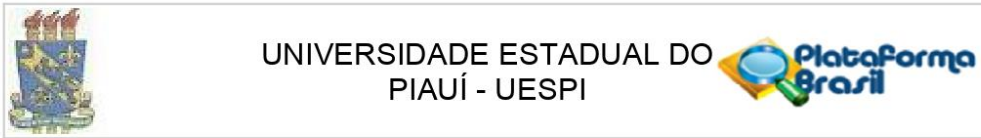
UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3221-6658

Fax: (86)3221-4749

E-mail: comitedeeticauespi@uespi.br



Continuação do Parecer: 4.311.985

Outros	cartadeencaminhamentoa.pdf	15:13:28	ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Outros	termodeconfidencialidadea.pdf	18/06/2020 15:12:56	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoa.pdf	18/06/2020 15:11:23	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Outros	Curriculum.pdf	06/05/2020 18:41:33	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	img021.pdf	06/05/2020 16:41:15	RAIMUNDA HILSA ALMEIDA PORTEL JORGE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 01 de Outubro de 2020

Assinado por:
LUCIANA SARAIVA E SILVA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335
Bairro: Centro/Sul **CEP:** 64.001-280
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3221-6658 **Fax:** (86)3221-4749 **E-mail:** comitedeeticauespi@uespi.br

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI- UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa O APAGAMENTO DA NASAL EM VERBOS NA 3ª PESSOA DO PLURAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO: um estudo à luz da teoria da sílaba, da pesquisadora *Raimunda Hilsa Almeida Portel Jorge*. Nesta pesquisa, pretendemos compreender as dificuldades de escrita apresentadas pelos alunos do 6º ano, tendo como objetivo geral investigar os fatores que contribuem para o apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

No que concerne aos objetivos específicos, buscaremos identificar a ocorrência do apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental; verificar quais fatores motivam a ocorrência do fenômeno do apagamento da nasal e propor uma intervenção como forma de minimizar essas ocorrências nas produções escritas desses alunos.

Para este estudo, adotaremos os seguintes procedimentos: os dados serão coletados a partir de produções espontâneas dos alunos. O instrumento de coleta será uma proposta de produção textual. A abordagem dos sujeitos será, primeiramente, por meio da apresentação do termo de assentimento e, em seguida, por meio da aplicação das propostas de produção textual. Seu filho(a) terá o tempo necessário para que possa produzir um texto sobre qualquer conto de fadas que conheça.

Assim como em toda e qualquer investigação que envolve seres humanos, os sujeitos que participarão desta pesquisa poderão sofrer algum tipo de risco. Como possíveis riscos, podemos destacar o constrangimento, incômodo ou desconforto. Para evitar tais transtornos, os sujeitos serão mantidos em anonimato, as atividades serão planejadas e aplicadas sem fugir à rotina da escola, respeitando o plano de curso e o horário de aula. A pesquisadora estará presente durante toda a aplicação do instrumento para prestar ao seu filho(a) qualquer esclarecimento e, percebendo qualquer desconforto, interromperá a pesquisa imediatamente. Esta pesquisa apresenta grande benefício pessoal e coletivo a ser proporcionado a partir da observação de sua escrita, tendo em vista que possibilitará a formulação de uma proposta de intervenção a fim de contribuir com a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido buscaremos, através desta pesquisa, colaborar com o processo de apropriação do sistema de escrita.

Para participar a pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele(a) será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como é

atendido(a) pelo pesquisador, que irá tratar da identidade do menor com padrões de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Vale ressaltar que, comprovados danos provenientes desta pesquisa, seu filho(a) tem assegurada a garantia do direito à indenização. Este estudo não acarretará nenhuma despesa para o sujeito participante, sendo que, caso venha a existir qualquer despesa, é assegurada ao participante a garantia de ressarcimento conforme determina a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde – CNS/MS. Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos ou sobre o desenvolvimento da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. O nome ou o material que indique a participação do menor não serão liberados sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, de igual teor que deverão ser assinadas e rubricadas em todas as páginas, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____,
portador(a) do documento de identidade _____,
responsável pelo menor _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Timon, _____ de _____ de 2020

Assinatura do(a) Responsável

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Se surgir alguma dúvida e você queira entrar em contato com a pesquisadora responsável por este estudo, você poderá entrar em contato, através do endereço ou ligações, inclusive a cobrar:

Contato da pesquisadora:

Nome: Raimunda Hilsa Almeida Portel Jorge

Endereço: Avenida Noé Mendes 208 Ap- 405 bl- A - Bairro Comprida

Teresina – PI Cep: 64.023-600

Telefone: 086 88112943 – Recebimento de ligações a cobrar

E-mail: hilsajorge@hotmail.com

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com função pública, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para

contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Normas e diretrizes regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos – Res. CNS 196/96, II. 4).

Caso você necessite entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa(CEP) ao qual esta pesquisa foi submetida, seguem as informações necessárias para o seu contato:

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA CEP - UESPI

RUA OLAVO BILAC, 2335

TERESINA (PI) - CEP: 64001-280

FONE: (86) 3221 4749 / E-MAIL: comitedeeticauespi@hotmail.com

ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -PROFLETRAS

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TALE

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa O APAGAMENTO DA NASAL EM VERBOS NA 3ª PESSOA DO PLURAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO: um estudo à luz da teoria da sílaba. Seus pais ou responsáveis já autorizaram que você participasse desta pesquisa.

Nesta pesquisa, pretendemos compreender as dificuldades de escrita apresentadas pelos alunos do 6º ano, tendo como objetivo geral investigar os fatores que contribuem para o apagamento da nasal em verbos na 3ª pessoa do plural na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

Para participar deste estudo, tudo que você terá que fazer é elaborar um texto espontâneo sobre os contos de fadas que você conhece. Você terá o tempo necessário para que possa produzir o texto com calma. Convém ressaltar que a proposta de produção de texto a ser desenvolvida por você não consiste em atividade avaliativa, ou seja, não conta como requisito para a obtenção de nota em qualquer disciplina.

Assim como em toda e qualquer investigação que envolve seres humanos, os sujeitos que participarão desta pesquisa poderão sofrer algum tipo de risco. Para minimizar os riscos de sua participação nesta pesquisa, se por qualquer motivo você sentir algum tipo de constrangimento, incômodo ou desconforto durante a elaboração dos textos, você deverá parar imediatamente e chamar a pesquisadora responsável, que estará presente durante todo o horário. Se você quiser tirar alguma dúvida ou quiser qualquer coisa, deve sempre chamar a pesquisadora. É importante sempre lembrar que não há no seu instrumento de coleta de dados nada que o identifique, então, assim estaremos minimizando o risco de constrangimento. Desse modo, você não precisa ficar constrangido(a) por qualquer coisa que escreva, pois a pesquisadora nunca saberá que foi você, especificamente, quem escreveu. Para evitar qualquer transtorno, as atividades serão planejadas e aplicadas sem fugir à rotina da escola, respeitando o plano de curso e o horário de aula. Tais riscos se justificam pelo grande benefício pessoal e coletivo a ser proporcionado a partir da observação de sua escrita, tendo em vista que possibilitará a formulação de uma proposta de intervenção, a fim de contribuir com a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido buscaremos, através desta pesquisa, colaborar com o processo de apropriação do sistema de escrita.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar se não desejar, ou seja, você é livre para recusar ou deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Esclarecimento ficará com você, devidamente assinado e rubricado em todas as páginas, a fim de garantir a posse das informações e das suas garantias.

No caso de eventuais danos acarretados pela sua participação no presente estudo, você terá direito à garantia de indenização conforme determina a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde – CNS/MS. Seus pais já foram informados dos seus direitos, riscos e benefícios desta pesquisa, mas,

caso você tenha alguma dúvida, poderá perguntar a pesquisadora em qualquer momento. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você ou seu responsável poderão entrar em contato com a pesquisadora.

Assim, eu aceito participar da pesquisa apresentada no texto acima e explicada pela pesquisadora. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer **sim** e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer **não** e desistir, que ninguém vai ficar com raiva por isso. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com meus pais/responsáveis.

Recebi uma cópia deste Termo de Assentimento, que li e concordo em participar da pesquisa assinando este documento:

Eu aceito participar do projeto citado, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido(a).

Participante da pesquisa

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Se surgir alguma dúvida e você queira entrar em contato com a pesquisadora responsável por esse estudo, você poderá fazer através do endereço ou ligações, inclusive a cobrar:

Contato da Pesquisadora:

Nome: Raimunda Hilsa Almeida Portel Jorge

Endereço: Avenida Noé Mendes 208 Ap- 405 bl- A - Bairro Comprida

Teresina – PI Cep: 64.023-600

Telefone: 086 88112943 – Recebimento de ligações a cobrar

E-mail: hilsajorge@hotmail.com

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com função pública, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Normas e diretrizes regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos – Res. CNS 196/96, II. 4).

Caso você necessite entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa(CEP) ao qual esta pesquisa foi submetida, seguem as informações necessárias para o seu contato:

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA CEP - UESPI

RUA OLAVO BILAC, 2335

TERESINA (PI) - CEP: 64001-280

FONE: (86) 3221 4749 / E-MAIL: comitedeeticauespi@hotmail.com

ANEXO D – TERMO DE ANUÊNCIA**PREFEITURA MUNICIPAL DE TIMON
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA - SEMED
EMEF DOMADORA LIZETE OLIVEIRA FARIAS**

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Piauí

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, _____, diretor responsável da Escola Municipal _____, venho informar a V. Sa. que autorizo a pesquisadora Raimunda Hilsa Almeida Portel Jorge, aluna do curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual do Piauí, matrícula 400586, a desenvolver a pesquisa intitulada O APAGAMENTO DA NASAL EM VERBOS NA 3ª PESSOA DO PLURAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO: um estudo à luz da teoria da sílaba, sob a orientação da Profa. Dra. Lucirene da Silva Carvalho.

Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Timon, 17 de abril de 2020.

Assinatura e carimbo do responsável institucional

ANEXO E – DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL**PREFEITURA MUNICIPAL DE TIMON
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA- SEMED
EMEF DOMADORA LIZETE OLIVEIRA FARIAS****DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

Eu, Raimunda Hilsa Almeida Portel Jorge, CPF 921220943-20, responsável pelo desenvolvimento da pesquisa intitulada O APAGAMENTO DA NASAL EM VERBOS NA 3ª PESSOA DO PLURAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO: um estudo à luz da teoria da sílaba, sob a orientação da Profa. Dra. Lucirene da Silva Carvalho, comprometo-me a iniciar a pesquisa somente a partir da aprovação pelo Sistema CEP-CONEP. Comprometo-me, também, a preservar a privacidade e a integridade física dos participantes, assim com respeitar todas as normas de resolução CNS 466/12 e suas complementares na execução do projeto.

Declaro ainda que, após a conclusão do estudo, anexarei os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes.

Tenho conhecimento de que deverei enviar periodicamente os relatórios parciais da pesquisa e notificar na plataforma a sua finalização acompanhada do relatório final.

Comprometo-me a divulgar os resultados da pesquisa aos participantes e /ou instituição coparticipante, promovendo benefícios diretos ou indiretos à coletividade.

Timon, 16 de abril de 2020

Assinatura do pesquisador responsável

